

TODOS OS CRIMES DO PRESIDENTE

Depois de 6 meses de investigação sobre a responsabilidade do governo na desastrosa condução da pandemia, a CPI da Covid conclui que Bolsonaro é o principal responsável pelas 605.211 mortes. Junto com os filhos, ele e outras autoridades, além de ex-ministros, precisam agora ser indiciados perante a Justiça e o Tribunal Penal Internacional

Foto: Sérgio Lima/AFP

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 25 de outubro de 2021 Nº 33

NESTA EDIÇÃO

Ivan Caiafa alerta: máquina de mentiras continua

A nova aposta do Facebook: o metaverso

Mélenchon propõe a desmilitarização do espaço

Os 50 anos de carreira de Lucélia Santos

EXPOSIÇÃO VIRTUAL
CENTENÁRIO
Paulo Freire

A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR

ACESSE EM: fpabramo.org.br

25 anos
FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
de Documentação e
História Política

PAUTA
BRASIL

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E
TRANSMISSÃO: FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: PT DCM Fórum TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus
BRASIL

Revista Focus Brasil
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

ENFIM, CPI APONTA OS VÁRIOS CRIMES DO PRESIDENTE NA PANDEMIA

Depois de seis meses de investigação, a comissão de inquérito do Senado conclui os trabalhos listando crimes do presidente, aliados e dos três filhos. Caso precisa resultar em julgamentos.

Página 12



EDITORIAL. O país está à deriva, devastado pela agenda neoliberal

Página 4

ENTREVISTA. Ivan Caiafa alerta: Steve Bannon paira sobre eleições de 2022

Página 5

PANDEMIA. Quem são os 68 acusados de crimes cometidos na pandemia

Página 14

SUS. Passado o vendaval da CPI, Rogério Carvalho propõe Estatuto do Paciente

Página 16

FAKE NEWS. Facebook vai agora oferecer multiverso ao usuário das redes sociais

Página 18

ELEIÇÕES. Apesar do esforço da mídia, a terceira via não consegue decolar

Página 20

SÃO PAULO. Fernando Haddad percorre o estado como pré-candidato

Página 22

TRABALHO. Lula alerta CUT para a precarização do trabalho no pós-pandemia

Página 23

LAVA JATO. Ex-presidente ganha a sua 21ª causa na Justiça contra acusações

Página 24

INFLAÇÃO. Alta dos preços não será resolvida com ajuste fiscal e juros altos

Página 26

ECONOMIA. Economistas mostram como o PT salvou o Brasil da quebra

Página 28

AUSTERIDADE. O teto de gastos foi furado pelo governo para fins eleitorais

Página 31

FOME. Depois do flagrante no Rio, agora outra cena chocante em Fortaleza

Página 33

COP 26. Paulo Rocha diz que participação do Brasil na Escócia será um fiasco

Páginas 34

ESPAÇO. Candidato a presidente da França diz que é hora de desmilitarizar

Página 36

MEMÓRIA. Dezenove anos da eleição de Lula para a Presidência da República

Página 39

CULTURA. Os 50 anos de carreira da atriz Lucélia Santos, a doce Isaura

Página 40

OPINIÃO. Bohn Gass diz que Paulo Guedes dá mal exemplo e é sanguessuga

Página 42

O BRASIL À DERIVA

Aloizio Mercadante

O desgoverno Bolsonaro segue ladeira abaixo, perdendo mais um dos pilares de sustentação. É público e notório que Bolsonaro nunca teve compromisso partidário, jamais discutiu ou se empenhou em construir um projeto estratégico para o país, sempre agrediu e menosprezou a democracia e montou o governo aglutinando alguns núcleos sem qualquer compromisso programático, que depois de dois anos e meio de desgoverno estão esfacelados e avergonhados.

O núcleo obscurantista, terraplanista e olavista apresentou ao país aquele que é considerado por muitos especialistas o pior ministro da Educação da história. Também é responsável pelo completo isolamento internacional e pela desmoralização da nossa diplomacia. Apesar disso, este núcleo ainda resiste na figura recolhida da ministra Damares, mas se encontra totalmente acuado pelas investigações do inquérito das fake news, relatado pelo ministro Alexandre de Moraes no Supremo Tribunal Federal.

O núcleo lavajatista, importante cabo eleitoral do bolsonarismo e que teve como principal representante o ex-juiz Sérgio Moro, já se encontra afastado do governo. A suspeição e a parcialidade de Moro, reconhecidas pela Suprema Corte, somadas às mensagens da Vaza Jato, que expuseram as entranhas e as ilegalidades da manipulação judicial que condenou Lula, feriram de morte sua credibilidade perante a opinião pública.

Os militares, mais um dos pila-

res de sustentação de Bolsonaro, permanecem no governo ocupando mais de 7 mil cargos. Entretanto, depois do vexame do desfile intimidatório em favor do voto impresso, do fiasco dos atos golpistas do último 7 de setembro e da tragédia que foi a gestão Pazuello no Ministério da Saúde, há um claro recuo das Forças Armadas, que tentam reduzir a exposição para conter o desgaste institucional.

A bola da vez é o núcleo neoliberal. O superministro da Economia, que acumulou as funções dos ministérios da Fazenda, da Previdência e Trabalho, da Indústria e Comércio e do Planejamento, Orçamento e Gestão, entrega os piores indicadores econômicos em décadas. Levantamento da OCDE com 42 países apontou que o Brasil é o 3º pior em desemprego, com mais de 20 milhões de desempregados, e a 4ª pior inflação, um acumulado de 10,25%. O FMI projeta um crescimento de 4,9% para a economia mundial em 2022, enquanto o Brasil apresenta pífios 1,5%, sendo que alguns analistas estimam que fiquemos ainda abaixo disso.

Além disso, o furo ao teto de gastos, um dos grande bastião da ortodoxia fiscal defendida por Guedes, explode da pior forma possível, com a substituição de um programa de êxito reconhecido internacionalmente, que é o Bolsa Família, por um puxadinho, uma completa irresponsabilidade gerencial do posto Ipiranga, que assiste ao desmonte de sua equipe, com o pedido de demissão de quatro secretários. O rombo será de R\$ 110 bilhões, com uma pedrada gigantesca dos precatórios, jogando para o futuro governo

uma bomba fiscal de efeito retardado, mas assegurando recursos significativos para seguir o fisiologismo parlamentar e paliativos no enfrentamento da crise. Para piorar, Guedes terá ainda que ir ao Congresso Nacional explicar o inexplicável, isso é: os US\$ 9,5 milhões em um paraíso fiscal.

Nesse cenário gravíssimo, de deterioração da economia e de explosão da fome e da miséria, resta a Bolsonaro um núcleo familiar deteriorado e pressionado por escândalos, como os casos das rachadinhas e do financiamento ilegal das fake news.

A base fisiológica de sustentação do governo segue confortavelmente alimentado pelas emendas impositivas para impedir que o presidente responda pelos nove graves crimes, dentre eles crimes de responsabilidade, imputados a ele pela CPI da Covid.

Assim, chegaremos nas eleições de 2022 com o Brasil à deriva, completamente devastado por um novo retumbante fracasso do neoliberalismo. Por isso, precisamos olhar para os caminhos apontados por importantes nações que abandonam o neoliberalismo, como, por exemplo, o Plano Biden nos Estados Unidos e o Nova Geração na União Europeia.

Sobretudo, precisamos acompanhar as experiências da Ásia, onde o estado tem desempenhado o papel estratégico de indutor do crescimento e de coordenador da retomada da pós-pandemia. Esse parece ser o caminho para a reconstrução do Brasil. Até lá, é difícil imaginar como atravessar e qual será a herança histórica de mais um ano dessa tragédia, que é ter Bolsonaro como desgoverno. •

“A EXTREMA-DIREITA VAI PARA O TUDO OU NADA EM 2022”

Empresário, produtor e ex-marqueteiro, o mineiro Ivan Caiafa alerta que as esquerdas precisam estar preparadas para enfrentar a mais dura e sofrida guerra política no próximo ano. Ele adverte que o arsenal de Bolsonaro conta com a experiência de Steve Bannon, o ex-conselheiro de Donald Trump, e que não dá para subestimá-los, mesmo com Lula liderando as pesquisas

Olímpio Cruz Neto e Pedro Camarão

Dono de um sorriso cativante e absolutamente mineiro, Ivan Caiafa é um empresário que ganha a vida como produtor na área de comunicação e marketing, inclusive político, mas mantém agora os dois pés no mundo digital. Sua experiência em quatro campanhas eleitorais em Minas Gerais o deixaram calejado nas disputas políticas, mas também atento ao jogo eleitoral. É um empresário de esquerda, filho de uma ex-militante política presa e torturada na ditadura militar. Daí seu compromisso histórico com as pautas progressistas.

Nas últimas eleições presidenciais de 2018, ele observou que o jogo político mudou. Os resultados das urnas mostraram um

nível de disparidade assombroso com o que apontavam as pesquisas eleitorais até à véspera da votação. Em Minas Gerais, Ivan viu de perto o estrago da máquina de mentiras e assassinato de reputações, que derrotou o PT.

Ele trabalhou na campanha de Dilma Rousseff e viu a candidata do PT ao Senado perder uma eleição tida como ganha por analistas e pela própria imprensa. Dilma foi vítima da guerra suja detonada por Jair Bolsonaro e financiada por empresários ligados à ultradireita nacional. Assim como a ex-presidente, que terminou lá atrás a disputa pelo Senado, outros expoentes naufragaram na corrida, como Roberto Requião, derrotado no Paraná, ou Eduardo Suplicy, em São Paulo.

Os três foram alvos de toda

sorte de ataques direcionados pela campanha de Bolsonaro, com mentiras, difusão de boatos e fake news. A máquina bolsonarista funcionou de maneira eficiente naquela ocasião. Mas a situação pode ser pior em 2022.

“Steve Bannon e associados descobriram uma forma de exportar para o mundo os projetos da extrema-direita. E isso é grave. E quem se apoderou dessas ferramentas são grupos extremistas, de supremacistas brancos, de projetos neoliberais extremos. Eles estão replicando isso para o mundo democrático. Ficou muito fácil sobretudo porque estão jogando sozinhos. Vencem por W.O”, adverte. A seguir, leia os principais trechos da entrevista concedida à revista **Focus Brasil**.



Focus Brasil – Como a mentira está afetando as campanhas eleitorais e qual o impacto que você acredita que possa vir a ter na próxima eleição no Brasil?

Ivan Caiafa – As ferramentas e estruturas, pessoas e financiadores que descobriram uma forma muito eficiente de fazer campanhas que minam as democracias no mundo estão ativas, cada vez mais eficientes e com potencial cada vez maior de fazer a manipulação da psicologia das massas. O conceito do trabalho dos dados atrelado a sofisticados processos de manipulação psicológica tem sido ignorado pelos partidos políticos, pelas principais lideranças de partidos democráticos, de esquerda, de centro-esquerda, da turma da direita que é “civilizada”. E ninguém está entendendo que a ultradireita, com conceitos ultraconservadores e arcaicos, encontrou uma forma de trabalhar a psicologia das massas de maneira muito eficiente e sofisticada. Isso está na mão só de um grupo. Em 2022, corremos o risco de ter novas surpresas, muito desagradáveis, porque esses sistemas não estão de fato sendo entendidos, percebidos ou contra-atacados. Eles estão navegando livremente nas operações de Telegram, de WhatsApp e de redes sociais. O que a esquerda conseguiu entender é que existem fake news. Ok. Mas isso é só a ponta de um ou de alguns icebergs.

– Há um desconhecimento geral.

– As lideranças e instituições comprometidas com o país não entenderam ainda é o que tem por baixo dessas águas geladas, o que tem por baixo dessas pontas desses icebergs. Entender que teve um videozinho que difamou o [Fernando] Haddad [na campanha de 2018] e que isso foi um problema, é só um entre centenas de milhares de videozinhos que foram utilizados de

uma forma muito eficiente e para públicos muito direcionados que muitas vezes as campanhas não percebem.

Estou falando do Haddad, mas é sobre o candidato que estiver concorrendo contra o nome da ultradireita acompanhado por Steve Bannon. Se for o Ciro Gomes, vai acontecer com ele. Se for o [Guilherme] Boulos, vai acontecer com ele. Aconteceu com o Haddad porque ele era o contraponto. Vai acontecer com qualquer um. Essas tecnologias,

A ULTRADIREITA MANTÉM SOB CONTROLE UM ARSENAL QUE FEZ ESTRAGOS ANTES E FARÁ PIOR EM 2022. TEREMOS SURPRESAS DESAGRADÁVEIS

ferramentas e metodologias estão nas mãos de um único grupo e esse grupo copia e cola essa metodologia em diversos países e tem usado com sucesso. Desde 2015, isso apareceu mais nitidamente em algumas das maiores democracias do mundo. No Reino Unido, com o Brexit. Nos Estados Unidos, na eleição do Donald Trump. E aqui, na eleição do Bolsonaro. A gente só é o terceiro “case” de maior sucesso deles. Trabalharam dezenas de campanhas em dezenas de países, se

preparam para ter essa relevância nas nações mais importantes do mundo e o Brasil é um país muito importante. Agora, é curioso isso, a princípio, até hoje é um único grupo, uma única empresa com as mesmas pessoas e com a capacidade de fazer estragos enormes nas democracias, principalmente, nas democracias que flertam com alguma inclinação para a esquerda, para a centro-esquerda.

– Você acha que o TSE [Tribunal Superior Eleitoral] não percebeu por falta de informação ou de formação da própria estrutura?

– O TSE percebe de forma rasa, também. Estruturalmente, o problema é muito mais complexo. Estamos falando de tecnologias que são muito difíceis de serem entendidas, difíceis de serem mapeadas, mas não impossíveis. É curioso também porque tudo já está dito e colocado por publicações diversas, seja no documentário da Netflix, no livro de delator da Cambridge Analytica, relatórios de cientistas de dados, reportagens em revistas científicas e entrevistas de executivos e ex-executivos de Google, Facebook e Instagram, que denunciam. São modelos muito difíceis de serem enfrentados, não deveriam estar sendo enfrentados só pela via institucional. A via institucional é um caminho, mas os principais interessados em enfrentar essa dinâmica seriam os partidos políticos e eles estão a anos-luz de distância de começar a enfrentar esse tipo de armamento, esse tipo de solução de comunicação de massas. O TSE ensaia algum tipo de controle, mas perto do que a gente lê daquilo que é declarado pelos próprios dirigentes das empresas que executam esse tipo de campanha, é tudo muito distante.

– O tema é muito complexo para estruturas que são analógicas.

– Existe uma resistência muito

grande das pessoas quererem lidar com esse tipo de informação. Minha área de interesse e atuação desde os 17 anos é psicologia e psicanálise, apesar de não ter me tornado profissional da área de psicologia, todos os trabalhos que faço na vida, seja de comunicação ou de empreendedorismo, são norteados por uma visão, que eu gosto de falar, que é psicanalítica dos processos. Quando a gente está diante de processos que são muito difíceis de serem entendidos e muito distantes da nossa capacidade, a tendência é a gente não querer lidar com isso. O que eu tenho falado e o que eu coloco aqui são dados públicos em que faço uma leitura um pouco mais didática e tentando amarrar as pontas.

Isso, que deveria ser uma pauta discutida diariamente por instituições, partidos políticos e movimentos interessados na manutenção das democracias no Brasil e no mundo. Mas é tratado de forma muito rasa e superficial. O método de fake news que incomoda hoje lideranças partidárias é só a ponta do iceberg. E é uma operação muito robusta, eficiente e que só tende a ficar mais sofisticada. A tendência é: quando você usa um modelo que dá certo do ponto de vista da operação psicológica, que trabalha com dados de usuários, todos conectados e hoje isso é uma realidade, mais de 90% da população está conectada via celular e está fornecendo dados sobre o seu perfil psicológico para empresas que tratam isso de forma profissionalizada.

Vou fazer uma leitura do perfil psicológico do fulano, quais textos lê, em que momento lê, qual autor político está lendo hoje, quais assuntos pessoais vê durante a noite e de qual segmento. Está com depressão ou não... Vai se separar, tem conflito com a mãe... Tudo isso é declarado pelas empresas. Está estrati-

ficado. Estamos abastecendo bancos de dados que, com um clique, é possível traçar o perfil psicológico do fulano e entender o momento da vida que está vivendo. Isso dá condição para que os operadores dessas empresas, que não se vendem mais como marqueteiros. São empresas de operações psicológicas. Eles se vendem assim. Não trabalham um conceito político. Fazem análises de perfil psicológico e produzem dezenas ou centenas de campanhas direcio-

CONTRA O HADDAD, A CAMPANHA DAS MAMADEIRAS NÃO FOI DESCOBERTA ATÉ FAZER O ESTRAGO. MAS ISSO NÃO CHEGAVA NELES. O JOGO AGORA É OUTRO

nadas a cada perfil psicológico.

Por isso que, por exemplo, aquela campanha que ficou mais explícita contra o Haddad, das mamadeiras, não foi descoberta pela coordenação da equipe até ela fazer o estrago que fez. Porque isso não chegava neles. Chegava no público que acreditava nisso. O que chegava neles eram outros tipos de peças que tinham função ou de converter aquelas pessoas que eram persuasíveis – é um termo que eles mesmos usam – ou de, no mínimo, neutralizá-las.

– **Como assim?**

– Você pode neutralizar uma pessoa simplesmente a impedindo de fazer campanha ou a desmotivando a ir votar ou a defender um candidato. Eles fazem isso com muita eficiência. Só para fechar a ideia da eficiência da dinâmica desse tipo de campanha, eles têm como principal diferencial o que chamam de “micro target”. Isso está no power point deles. Vou reforçar. Isso não é teoria da conspiração, nem ficção científica. Está descrito nos processos deles e é aferível para depois se checar os resultados. Então, contra o “micro target”, contra esse tipo de atuação de comunicação via redes sociais, via equipamentos de comunicação em massa, ainda temos aquela publicidade institucional, seja do TSE ou partidária, que ficam tentando fazer o contraponto com o que eles [Cambridge Analytica] chamam de “blanket advertising”. Isso é aquela publicidade que se espera com uma única peça de comunicação atingir toda a população. Isso foi verdade em 1960, 1970 e 1980, porque a luta era de propaganda de massa contra propaganda de massa. Hoje, você não tem por esses grupos um trabalho de uma campanha de massa. O que se tem são peças de comunicação direcionadas para cada perfil psicológico que já está mapeado.

– **A ultradireita usa isso de forma sofisticada por que tem dinheiro?**

– Vamos deixar claro. A Cambridge Analytica, sempre que me refiro a ela, estou falando de Steve Bannon e de um grupo de bilionários, descobriu nessa ferramenta uma forma de exportar para o mundo os projetos da extrema-direita. E é grave por isso. Porque quem se apoderou dessas ferramentas são grupos extremistas, de supremacistas brancos, de projetos neoliberais extremos. Eles estão replicando

isso para o mundo democrático. Ficou muito fácil sobretudo porque eles estão jogando sozinhos. Vencem por W.O.

– Em 2018, nenhuma das plataformas tinha qualquer instrumento de limitação ou regulação de discursos de ódio. De lá para cá, houve algum avanço? Hoje, se diz que o Telegram é o grande problema por não ter controle algum e nem mesmo escritório no Brasil. Qual é a realidade?

– Eu não acredito que tenha qualquer ocorrido grande avanço relevante para neutralizar o tipo de ação que a gente viu em 2015, 2016 e 2018. Não acredito por causa de alguns fatores. Primeiro, historicamente, Facebook, WhatsApp e Google negam sistematicamente que os dados sejam vendidos, compartilhados ou usados de qualquer forma que manipule as massas. Mas isso é a base do negócio deles. Tem uma coisa que pode ser mais grave: a cúpula dessas empresas, obviamente, sofrem interferências políticas do “Deep state”, seja trabalhando a favor de um candidato ou de outro. A turma da Cambridge, por exemplo, tinha dentro do comitê de campanha do Trump uma equipe ligada à direção do Facebook para orientar sobre compras de publicidade com mais eficiência ao longo da campanha.

Essa polêmica sobre o Telegram é pontual. Hoje, a plataforma em que se roda com mais facilidade e tranquilidade para operar difusão de mensagens sem interferência é o Telegram. Mas vai continuar rodando no WhatsApp com as limitações que a empresa impõe.

– E a resposta da esquerda a tudo isso? Existe solução alternativa ou o caminho é pressionar as empresas para que elas bloqueiem?

– O primeiro passo é querer

entender e olhar para isso. Sou muito contaminado pelo viés da psicanálise e da psicologia. E um preceito da psicanálise é: só se dissolve um sintoma se se quiser enfrentar esse sintoma, descobrir a origem e compreender o motivo psicológico que o gerou. Acho que tem uma reação da esquerda que é muito ruim, que é ignorar esse processo. Ignorar no sentido de que teria que ser prioridade para a esquerda ter grupos entendendo esses processos. Entendendo de fato. Não é falar, “o

NÃO ACREDITO QUE TENHA QUALQUER OCORRIDO AVANÇO RELEVANTE NO TSE PARA NEUTRALIZAR O TIPO DE AÇÃO QUE A GENTE VIU EM 2015, 2016 E 2018

perigo agora é o Telegram, então temos que ter cuidado com esse aplicativo” ou “ah, tem fake news”. Gente, isso é super superficial. Quero saber o seguinte, nos grupos ligados à esquerda têm cientistas de dados, têm grupos de conhecimento de psicologia comportamental? Ou ainda se busca o modelo da comunicação “Mad Men”, que está estampado no power point do Steve Bannon? Vamos continuar tomando as mesmas surras.

– Há uma falha na comunicação

das esquerdas?

– Tem uma coisa que me incomoda muito que é o seguinte: olha a quantidade de coisa que os governos de esquerda entregaram para o país e não conseguem estabelecer uma comunicação de defesa eficiente. Vamos pegar o que começou mais nitidamente a explicitar todo esse processo que foram as manifestações de rua por causa de R\$ 0,20 de aumento no preço da passagem de ônibus. A mesma população que foi para a rua revoltada com o aumento de R\$ 0,20 da passagem, não vai para a rua revoltada com a gasolina a R\$ 7, com o dólar a R\$ 6 ou sem condição de comprar carne ou sem condição de pagar pela educação dos filhos. É a mesma população. O que que tem de diferente no aumento de R\$ 0,20 e na gasolina a R\$ 7?

– A própria Globo não tem mais o poder de antes.

– Nas redes sociais, a ultradireita tem o monopólio da distribuição de conteúdo e das técnicas e tecnologias de difusão de conteúdo. É disso que estou falando. É muito grave. Eles conseguem fazer chegar no Ivan um tipo de mensagem diferente daquela que vai para o funcionário do Ivan, para o amigo do Ivan, para a tia e assim por diante. Vou pegar um exemplo que é a campanha de armas que a ultradireita faz no Brasil. Vou pegar os exemplos mais óbvios. Tem uma campanha super bem-sucedida a favor do porte de arma no Brasil. Essa é uma campanha bem-sucedida. Se você for entender o que era a discussão sobre armamento no Brasil há sete anos e o que é hoje, existe um discurso preponderante de que as pessoas têm direito de ter armas. Essa comunicação não é rasa e simples. Não é só o Bolsonaro subir num palanque e falar que todo mundo tem direito de ter armas. Isso faz parte.

Agora, isso é a cereja do bolo. É o que é visto.

– A comunicação das esquerdas ainda é antiquada.

– Enquanto a gente vê os grupos institucionais ou de esquerda ainda recorrendo às pesquisas qualitativas no modelo tradicional em que você fica 15 dias selecionando pessoas de perfis específicos para ir numa sala assistir um vídeo e dizer o que elas acham, esses caras medem todo dia. Fazem isso o dia inteiro, com inteligência artificial. Sabem o que funciona ou não funciona.

– Isso tem origem nos chamados jogos de guerra.

– É uma coisa que trazem de uma experiência muito sintomática da origem da Cambridge, que nasce de uma empresa chamada SCL, criada para prestar serviço ao Departamento de Defesa americano, a CIA e os serviços de inteligência. Eles trabalhavam processos de operações psicológicas que eles chamam de “psi ops” em territórios em guerra ou em que os EUA e o Reino Unido tinham interesse de ter influência. Então, eles vêm dessa escola. Sabem como mudar o pensamento, fragilizar a vontade da população local de aderir ou não a determinado lado da guerra. Foi a partir dessa experiência, que chegaram ao mundo dos dados. Quando eles descobrem esse mundo, decidem aplicar esse tipo de metodologia, as operações psicológicas, em larga escala e de maneira muito mais eficiente. Daquele papelzinho que era jogado de helicóptero que falava para o cidadão do Iraque que os EUA iriam salvá-lo do Saddam Hussein porque ele tinha pacto com o diabo, desse papelzinho genérico e de publicidade Mad Men, eles migraram para um modelo supereficiente que é o do micro target.

– E uma parte das esquerdas se tranquiliza porque Lula está liderando as pesquisas. Pensam: “Então, estamos bem”.

– É onde mora o perigo. Em 2018, na eleição para o Senado em Minas, a Dilma liderava as pesquisas até uma semana antes da votação. E ela foi para 4º lugar nas eleições. Tem uma característica que a esquerda não deveria ignorar nesse processo. Após a derrota de lideranças como Dilma e [Roberto] Requião [candidato ao Senado no Paraná, em

LEMBRA QUE A CAMBRIDGE ANALYTICA DECLARAVA EM 2015 QUE TINHA 5 MIL PONTOS DE INFORMAÇÃO DE CADA ELEITOR? E AGORA?

2018], o massacre que foi aquela campanha, tem um gráfico interessante que se chama “Uma vantagem de pão de açúcar”. Ele mostra do dia 1º de outubro até 5 de outubro. Bolsonaro sempre estava muito acima dos adversários políticos nas redes sociais. No dia 6, despenca. Do dia 1º ao dia 5, a performance é absolutamente elevada. E, para mim, é onde se concentraram todos os ataques que a esquerda nem entende até hoje que aconteceram. Ela viu o ataque da mamadeira

de piroca, mas e as outras dezenas, centenas de ataques que aconteceram muito provavelmente contra a Dilma e que não foi nem percebido, registrado ou visto, feitos com essas publicações que desaparecem no ar. São centenas, dezenas e milhares. Nos stories, nos grupos que não são mapeáveis.

– Os ataques a Lula nunca cessaram.

– O perigo para mim, primeiro, o Lula está na frente das pesquisas por situações extremas. As pessoas estão sem dinheiro para comprar uma carne, estão sem dinheiro para colocar gasolina no carro. Lula é um Pelé das comunicações. É um gênio. Na hora que abre a boca, ele tem espaço, conquista qualquer um. É um diferencial muito específico e vai dar sempre alguma vantagem a ele. Mas há que se ter cuidado porque as estruturas e tecnologias operaram em 2016 num período muito curto. E quando vier o ataque massivo super direcionado?

– Voltando aos cases...

– Lembra que a Cambridge Analytica declarava publicamente em 2015 que tinha 5 mil pontos de informação de cada eleitor americano? Isso é o que declaravam. Imagina de 2015 para cá? P que eles não conseguiram em termos de mapeamento do eleitor brasileiro. Vou pegar um caso clássico que também não tenhamos visto com muita facilidade como uma ação de operação psicológica na campanha de 2016: você não via camisa vermelha na rua. Ficou proibido usar camisa vermelha porque você podia ser atacado. Criou-se um clima de que era a luta do bem contra o comunista mal, as pessoas ficaram completamente inibidas de ir votar com camisa vermelha. Isso não foi

uma manifestação espontânea de medo ou de ódio.

– Foi o resultado de uma neutralização.

– De uma neutralização programada, testada em vários países com metodologias e tecnologias que eles usaram em diferentes locais. É um processo que descrevem com muita transparência: tem o eleitor persuasível, é o nome que eles dão, a quem se consegue mudar. E tem o eleitor que não se consegue fazer sair daquela posição político. Então, eles tentam neutralizá-lo.

– E sobre 2022, com o Lula na frente?

– Veja, a tecnologia de inteligência artificial melhora exponencialmente porque se acumula cada vez mais dados sobre as pessoas e esses dados vêm de todos os lados. Bannon e associados têm pesquisas qualitativas diárias, onipresentes na sua vida, medindo exatamente aquilo que você está sentindo e, inclusive – eles falam isso – até o momento em que a publicidade chega a esse usuário. “Vou mandar esse tipo de publicidade para o fulano no momento em que ele estiver em um conflito familiar”. Esse tipo de poder já está declarado, não é uma teoria da conspiração.

– O que você está dizendo, basicamente, é que eles estão lá reunindo informações dos eleitores do Lula ou dos indecisos e medindo exatamente o que precisam dizer a esses eleitores para que desistam de votar no Lula?

– Ou para esse eleitor se engajar menos na hora de fazer campanha. Ou para não ir votar. Ou para não se manifestar. Isso com o eleitor do Lula. Mas tem aqueles que eles nem vão perder tempo. Mas é isso. Nesse ní-

vel. E eu acho que é preciso entender o nível de sofisticação. Até o momento em que a publicidade vai chegar, se é num momento em que a pessoa está num conflito familiar, se é num momento triste ou feliz, hoje é possível mapear.

– Vai chegar num momento em que a pessoa estará sensível àquela mensagem.

– Exatamente. E aí qual que é o contraponto? Achar que vai ter um marqueteiro – e sou muito

**AS ESQUERDAS
TÊM 45% DAS
PREFERÊNCIA.
TALVEZ PRECISE
CONSEGUIR MAIS
15%. NAS REDES
SOCIAIS, ESTÃO
GANHANDO
POR WO**

crítico à figura do marqueteiro – que vai ter uma ideia genial capaz de mobilizar toda a população brasileira para repensar que no tempo do Lula tudo era melhor? É uma briga muito desigual. Tenho muito receio.

– Bolsonaro tem uma tropa mobilizada.

– Vamos pegar um dado efetivo. Bolsonaro bateu 1 milhão de seguidores no Telegram. Contra 38 mil seguidores do Lula. Imagina o que é 1 milhão de pessoas

disparando mensagens? Ou disponibilizando seus grupos para propagar mensagens pensadas para pessoas que pensam como elas? A esquerda tem do lado dela uma arma poderosa porque o Lula realmente é uma referência política e de comunicação no mundo. O Obama falou isso, o Steve Bannon sabe disso. Tanto é que disse que o Lula é o cara mais perigoso do mundo.

– Os ataques serão ainda maiores.

– Se o Lula é o cara mais perigoso do mundo e for lutar com arco e flecha contra drone, provavelmente essa luta fica muito arriscada de ser perdida. Essa imagem parece um pouco aquela dos drones atacando o Afeganistão, onde os “caras” explodem e não sabem nem porque estão explodindo. Tem uma coisa aí na guerra de marketing político hoje que é parecida com isso.

– Então, vamos morrer? [rindo]

– [rindo] Não, acho que não. Quando falo isso tudo é um alerta. Sem querer olhar para o problema, as esquerdas ainda têm 45 a 50% das preferências. Talvez precise conseguir mais 10%, 15%. Nas redes sociais, os caras estão ganhando por WO. Estão ganhando porque estão jogando sozinhos. E não é impossível fazer o contraponto, não. Eu acho que é difícil e difícil sobretudo do ponto de vista do investimento pessoal das lideranças de falar assim: “Gente, o que a gente fazia há 40 anos atrás não funciona mais. Para tudo, vamos rever os processos e, olha só, mesmo sob o ataque dessas ferramentas poderosíssimas a gente ainda segura 45% dos votos, 30% dos votos”. Mas se eles continuarem jogando sozinhos, a tendência é eles irem ficando maiores e a esquerda ir diminuindo. Eu acho que esse é o risco. •



A MORTE LHE CAI BEM O presidente da República é acusado de atuar de maneira criminoso durante a pandemia

CRIME CONTRA A HUMANIDADE? TEM ISSO E MUITO MAIS...

Relatório de 1.200 páginas pede indiciamento de presidente e 65 aliados, incluindo os três filhos. "É a primeira CPI a comprovar as digitais de um presidente da República na morte de milhares de cidadãos", anuncia Renan Calheiros. "Os crimes imputados a Bolsonaro superam 50 anos de prisão", aponta Humberto Costa

O Brasil aguardava com ansiedade o relatório final da CPI da Covid, depois de ter assistido a 605.211 mortes desde o início da pandemia. Na quarta-feira, 20, o relator Renan Calheiros (MDB-AL) apresentou as conclusões da comissão. Trata-se

de um contundente documento que detalha, em quase 1.200 páginas, todos os crimes cometidos por Jair Bolsonaro e seus aliados durante a pandemia.

O Brasil aguardava com ansiedade o relatório final da CPI da Covid, depois de ter assistido a 605.211 mortes desde o início da pandemia. Na quarta-feira,

20, o relator Renan Calheiros (MDB-AL) apresentou as conclusões da comissão. Trata-se de um contundente documento que detalha, em quase 1.200 páginas, todos os crimes cometidos por Jair Bolsonaro e seus aliados durante a pandemia.

A repercussão foi imediata e global. A acusação de crimes

contra a humanidade, um dos crimes pelo qual Bolsonaro é acusado, foi o principal destaque da cobertura da imprensa internacional sobre o Brasil na última semana. Mesmo diante das graves acusações, o presidente, covardemente, se eximiu de responsabilidades: “Nós sabemos que não temos culpa de absolutamente nada. Sabemos que fizemos a coisa certa desde o primeiro momento”.

O jornal estadunidense *The New York Times* noticiou com alarde a conclusão da CPI: “Líder brasileiro é acusado de crimes contra a humanidade na resposta à pandemia”. E informa que a CPI concluiu que Bolsonaro “intencionalmente deixou o coronavírus se alastrar pelo país e matar centenas de milhares de pessoas em uma aposta fracassada de atingir imunidade de rebanho e reviver a maior economia da América Latina”.

Na Inglaterra, o jornal *The Guardian* reportou em manchete principal: “Bolsonaro deve ser indiciado por crimes contra a humanidade, aponta investigação sobre covid”. O francês *Le Monde* também fez estardalhaço: A gestão ‘criminosa’ da pandemia no Brasil de Jair Bolsonaro. Todos registraram que a CPI responsabilizou o presidente de extrema direita por milhares de mortes em meio à

RENAN: “ESTA CPI É A PRIMEIRA A COMPROVAR AS DIGITAIS DE UM PRESIDENTE DA REPÚBLICA NA MORTE DE MILHARES DE CIDADÃOS”

disseminação de fake news e do abandono intencional de populações indígenas.

A revista britânica *The Economist* também dá amplo destaque ao pedido de indiciamento do “presidente anti-vacina” pelos “crimes contra a humanidade”, na edição desta semana, e diz que Bolsonaro terá de lutar não apenas pela reeleição, mas também para escapar da prisão. “Sua abordagem ‘macabra’ da pandemia, incluindo a organização de grandes reuniões de seus apoiadores e cientistas de-

preciativos, constitui um ‘crime contra a saúde pública’”, resume a revista.

O presidente é acusado de nada menos do que 12 crimes, ao lado de outros 65 agentes públicos e privados – incluindo os filhos Flávio, Carlos e Eduardo – que atuaram em uma cadeia de ações que causaram a morte milhares brasileiros em decorrência de uma onda de contaminações por Covid-19. Bolsonaro pode vir a pegar mais de 100 anos de prisão, caso seja condenado. O relatório será votado pelos senadores nesta terça-feira, 26.

“Esta CPI é a primeira a comprovar as digitais de um presidente da República na morte de milhares de cidadãos”, anunciou Renan Calheiros. Ele resumiu, em pouco mais de 25 minutos, as áreas de investigações da comissão, elencando todos os crimes cometidos por Bolsonaro, seja por medidas adotadas por sua gestão – como o atraso na compra de vacinas – ou pela atuação de apoiadores na pandemia – como a disseminação de fake news sobre imunizantes, passando por esquemas de corrupção no Ministério da Saúde e a promoção de drogas ineficazes contra a doença por meio de um gabinete de saúde paralelo.

“Chegamos a uma das maiores letalidades do planeta, re-

Agência Senado

DOCUMENTO HISTÓRICO

O relatório final de Renan Calheiros (MDB-AL) – nas mãos dos petistas Rogério Carvalho (SE) e Humberto Costa (PE) – traz acusações e detalha as condutas de 66 pessoas, incluindo o presidente e seus três filhos, assim como agentes públicos e privados, além de duas empresas: Prevent Senior e VTCLog.



sultado funesto, sepulcral, derivado de muitos erros e práticas mortais que conjugaram here-sias científicas fatais, como boicote irracional e deliberado às vacinas e experimentos de triste memória nazista com seres humanos”, criticou o relator, referindo-se aos testes realizados pela Prevent Senior com o ‘kit covid’ em pacientes da operadora, prática repetida em Manaus.

“Nunca, exceto em regimes autoritários e sanguinários, a vida foi tão desprezada, vilipendiada. Isso se traduz mais assustadoramente nas mortes, mas também na fome, no desemprego, na indignância”, sentenciou Calheiros. O senador Humberto Costa (PT-PE), chamou a atenção para a gravidade dos crimes cometidos por Bolsonaro, em especial crimes contra a humanidade e epidemia com resultado de morte. “Os crimes que foram imputados a Bolsonaro representam, no mínimo, 50 anos de prisão e, no máximo, 150 anos de prisão”, explicou.

“Estímulo à contaminação, gabinete paralelo, medicamentos sem eficácia, divulgação de informações falsas. Os crimes cometidos pelo governo Bolsonaro estão robustamente tipificados no relatório da CPI da Covid. Crimes cometidos deliberadamente que mataram mais de 600 mil pessoas”, aponta o senador Jean Paul Prates (PT-RN), líder da Minoria. O senador Rogério Carvalho (PT-SE), titular da CPI, concorda: “O resultado catastrófico da pandemia no Brasil não ocorreu por inépcia do governo federal, mas por uma ação planejada para estimular a contaminação da população. Um crime doloso”, reitera.

Jean Paul anunciou que o documento será encaminhado ao Tribunal Penal Internacional, em Haia, logo depois de ser aprovado. “Haja vista a caracterização de crimes contra a humanidade,



QUEM SÃO OS ACUSADOS

Jair Bolsonaro – O presidente é acusado dos seguintes crimes: epidemia com resultado morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos), e crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo).

Flávio Bolsonaro – Senador e filho do presidente da República, é acusado de incitação ao crime.

Eduardo Bolsonaro – Deputado federal e filho do presidente, é acusado de incitação ao crime.

Carlos Bolsonaro – Vereador da cidade do Rio de Janeiro e filho do presidente da República, é acusado de incitação ao crime.

Eduardo Pazuello – Pesam contra o ex-ministro da Saúde as acusações: epidemia com resultado morte, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, comunicação falsa de crime e crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos).

Marcelo Queiroga – O ministro da Saúde é acusado dos crimes de epidemia com resultado morte e prevaricação.

Onyx Lorenzoni – O ministro do Trabalho é acusado de incitação ao

os documentos também serão remetidos ao Tribunal Penal Internacional, tendo em vista a inação e incapacidade jurídica das autoridades brasileiras na apuração e punição desses crimes”, declarou. Antes disso, o relatório final será encaminhado ao Ministério Público Federal e à Câmara dos Deputados, onde deverá fundamentar um novo pedido de impeachment.

Por sua atuação durante a pandemia, Bolsonaro foi enquadrado em três tipos de crime contra a humanidade, de acordo com o estabelecido no Estatuto de

Roma, cujas diretrizes deram base para a criação do tribunal, em 1998: extermínio, perseguição e atos desumanos que causem sofrimento intencional. O estatuto, do qual o Brasil é signatário, define ainda como crimes contra humanidade homicídio, escravidão, deportação ou transferência forçada de população, agressão sexual, desaparecimento forçado de pessoas, entre outros.

“A pena mínima do presidente da República, somados todos os tipos penais, vai de 51 a 78 anos de prisão, além do impeachment”, explica o advogado Mar-

crime e crimes contra a humanidade – nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos.

Ernesto Araújo – Ex-ministro das Relações Exteriores, ele é acusado dos crimes de epidemia com resultado morte e incitação ao crime.

Wagner Rosário – Ministro-chefe da Controladoria Geral da União é acusado de prevaricação.

Braga Netto – Ministro da Defesa e ex-ministro-chefe da Casa Civil, é acusado pelo crime de epidemia com resultado morte.

Fábio Wajngarten – Ex-chefe da Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) do governo, é acusado dos crimes de prevaricação e advocacia administrativa.

Élcio Franco – Ex-secretário-executivo do Ministério da Saúde, é acusado dos crimes de epidemia com resultado morte e improbidade administrativa.

Mayra Isabel Pinheiro – Secretária de Gestão do Trabalho, é acusada dos crimes de epidemia com resultado morte, prevaricação e crime contra a humanidade.

Roberto Ferreira Dias – Ex-diretor de logística do Ministério da Saúde, acusado de corrupção passiva, formação de organização criminosa e improbidade administrativa.

Arthur Weintraub – Ex-assessor da Presidência da República e integrante do “gabinete paralelo”, é acusado

de epidemia com resultado morte.

Filipe Martins – Assessor especial para Assuntos Internacionais do presidente da República, é acusado de incitação ao crime.

Técio Arnaud Tomaz – Assessor especial do presidente da República, é acusado de incitação ao crime.

Roberto Goidanich – Ex-presidente da Fundação Alexandre de Gusmão, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, é acusado de incitação ao crime.

José Ricardo Santana – Ex-secretário da Anvisa, é acusado por formação de organização criminosa.

Marcelo Blanco da Costa – Ex-assessor do Departamento de Logística do Ministério da Saúde, é acusado de corrupção ativa.

Airton Antonio Soligo – Ex-assessor especial do Ministério da Saúde, e acusado de usurpação de função.

Bia Kicis (PSL-DF) – Deputada federal. Incitação ao crime.

Carla Zambelli (PSL-SP) – Deputada federal. Incitação ao crime.

Osmar Terra (MDB-RS) – Deputado federal, é acusado pelos crimes de epidemia com resultado morte e incitação ao crime.

Carlos Jordy (PSL-RJ) – Deputado federal. Incitação ao crime.

Ricardo Barros (PP-PR) – Deputado federal e líder do governo na Câmara, é acusado de incitação ao crime,

advocacia administrativa, formação de organização criminosa e improbidade administrativa.

Roberto Jefferson – Ex-deputado federal e presidente do PTB, é acusado de disseminar fake news e incitação ao crime.

Além desses, o relatório também pede o indiciamento das empresas Precisa Comercialização de Medicamentos Ltda e VTCLog. Também são acusados Nise Hitomi Yamaguchi, Carlos Wizard Martins, Paulo Marinho De Andrade Zanotto, Luciano Dias Azevedo, Mauro Luiz de Brito Ribeiro, Allan dos Santos, Paulo de Oliveira Eneas, Luciano Hang, Otávio Oscar Fakhoury, Bernardo Kuster, Oswaldo Eustáquio, Richards Pozzer, Leandro Ruschel, Raimundo Nonato Brasil, Andreia da Silva Lima, Carlos Alberto de Sá, Teresa Cristina Reis de Sá, Marconny Nunes Ribeiro Albernaz de Faria, Daniella de Aguiar Moreira da Silva, Pedro Benedito Batista Júnior, Paola Werneck, Carla Guerra, Rodrigo Esper, Fernando Oikawa, Daniel Garrido Baena, João Paulo F. Barros, Fernanda de Oliveira Igarashi, Fernando Parrillo, Eduardo Parrillo, Flávio Adsuara Cadegiani, Cristiano Alberto Hossri Carvalho, Luiz Paulo Domingueti Pereira, Rafael Francisco Carmo Alves, José Odilon Torres da Silveira Júnior, Emanuela Batista de Souza Medrades, Túlio Silveira, Francisco Emerson Maximiano, Danilo Berndt Trento e Marcos Tolentino da Silva.

cos Rogério, assessor jurídico da bancada do PT no Senado, referindo-se aos 12 crimes atribuídos a Bolsonaro que constam do relatório. No caso dos crimes contra a humanidade, ele lembra que os crimes de perseguição e atos desumanos foram cometidos em especial contra as populações indígenas. A pena para esse tipo de crime pode chegar a 30 anos de encarceramento.

Entre os outros crimes, estão epidemia com resultado em morte, prevaricação, incitação ao crime, crime contra a humanidade, emprego irregular de verbas

públicas e comunicação falsa de crime. “Mais de 120 mil vidas poderiam ter sido salvas com medidas não farmacológicas, como o distanciamento social”, lamentou Jean Paul. “A transmissão teria sido reduzida em 40%. São as conclusões da CPI da Covid. O relatório aponta os culpados. É preciso agora que sejam punidos”, concluiu.

A lista de indiciados por crimes diversos inclui a cúpula do Ministério da Saúde – o ex-ministro Eduardo Pazuello e o atual, Marcelo Queiroga, além do ex-secretário-executivo Elcio Franco,

assim como secretários. Também estão na lista (*leia no quadro acima*) o ministro da Defesa, General Walter Braga Netto, o ministro do Trabalho, Onyx Lorenzoni, o ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, o ex-ministro do Desenvolvimento Social Osmar Terra e o atual líder do governo na Câmara, Ricardo Barros (PP-PR), além das empresas Precisa Medicamentos e VTCLog, bem como seus sócios proprietários. Também há outros três deputados federais – todos bolsonaristas: Bia Kicis (PSL-DF), Carla Zambelli (PSL-SP), Carlos Jordy (PSL-RJ)



HORA DE APRIMORAR O SUS

Ao final da CPI da Covid, o país precisa enfrentar os desdobramentos legislativos, aperfeiçoando as leis para assegurar que a má-gestão de autoridades governamentais não se repita. Propomos pensão aos 113 mil órfãos da pandemia e a instituição da figura jurídica da “responsabilização sanitária”

Rogério Carvalho

A CPI da Covid já cumpriu o papel histórico de revelar ao país os principais



responsáveis pela catástrofe sanitária que foi a condução da pandemia no Brasil. Por uma opção deliberada e continuada do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, de apostar na imunização coletiva pelo contágio, mais de 600 mil vidas de brasileiros e brasileiras foram perdidas.

No Brasil, morreram quatro vezes mais pessoas por Covid

do que a média de outros países. Estudos apresentados na CPI apontam que, se tivéssemos enfrentado a pandemia, considerando as recomendações da medicina baseada em evidências

científicas, cerca de 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas.

Para colocar em prática essa aposta macabra, Bolsonaro, apoiado por um grupo de médicos, parlamentares, empresários e funcionários do governo, boicotou as medidas de distanciamento social e de uso de máscaras. Também criou a falsa narrativa de que existia um tratamento preventivo e precoce para

a doença, o chamado “Kit Covid”, para passar a falsa sensação de segurança para a população e estimular o contágio. Ele ainda negligenciou a compra de vacinas. Apesar de todos os esforços da CPI, ainda somos a 60ª nação no ranking proporcional de imunização.

A CPI também desnudou um esquema de corrupção na compra de vacinas no coração do Ministério da Saúde, que só não foi levado a cabo em razão da atuação das investigações conduzidas pelo Senado. Além disso, revelou os horrores da operadora de saúde Prevent Senior, que, com a conivência do governo Bolsonaro e dos conselhos de classe, realizou testes de medi-

camentos em seres humanos, adulterou de atestados de óbitos e enviou pessoas para morte ao estabelecer um prazo máximo de internação em UTI para doentes de Covid. Sem falar nos horrores ocorridos em Manaus, que foi transformada em um laboratório a céu aberto.

Esses e tantos outros crimes – contra a vida, sanitários e de responsabilidade –, bem como seus responsáveis, estão elencados e tipificados de forma técnica e consistente no relatório final da comissão, que indicou o indiciamento de 66 pessoas, dentre elas Bolsonaro, e de duas empresas, que poderão responder por 19 tipos penais. Mas, o nosso trabalho não se encerra com a votação e encaminhamento do relatório para as autoridades competentes. Uma série de desdobramentos e iniciativas legislativas também serão apresentadas como resultado do trabalho da CPI.

É fundamental, por exemplo, assegurar dignidade para os mais de 113 mil menores que perderam o pai, a mãe, ou ambos para a Covid. Por isso, nosso projeto prevê a concessão de uma pensão, no valor equivalente a um salário mínimo – R\$ 1,1 mil –, para os filhos menores de 18 anos dos pais que faleceram em razão da doença. Também a criação de uma pensão especial, igualmente no valor de um salário mínimo, para pessoas que apresentem incapacidade laborativa permanente ou temporária resultante da infecção causada pela Covid.

Outro desdobramento legislativo que propomos é o Estatuto do Paciente, que estabelece os direitos dos doentes, como as diretivas antecipadas, a respeito de condutas diagnósticas e terapêuticas que aceita ou recusa receber na eventualidade de não poder expressar autonomamen-

te a sua vontade, e sobre direitos dos pacientes em estado terminal de vida.

Ainda há o enfrentamento da problemática envolvendo a verticalização dos planos de saúde, com a criação de mecanismos para coibir a interferência das operadoras nos tratamentos oferecidos aos pacientes, nos hospitais de sua rede própria, em razão dos custos elevados de alguns tratamentos.

Acredito, entretanto, que a iniciativa de maior relevância seja a proposta de “responsabilidade sanitária”, que estabelece de uma

OUTRO DESDOBRAMENTO LEGISLATIVO QUE PROPOMOS É O ESTATUTO DO PACIENTE, QUE ESTABELECE OS DIREITOS DOS DOENTES

vez por todas a articulação entre todos os entes da federação com a finalidade de garantir o acesso universal e a integralidade como garantias constitucionais de todos os brasileiros.

O projeto supre a lacuna sobre a responsabilidade sanitária, que ainda carece de positivação jurídica, uma vez que não existe legislação definindo responsabilidade sanitária no significado de compromisso público que o

gestor de saúde deve assumir no âmbito do SUS, muito menos a formalização juspolítica do contrato entre os entes federados, a assunção de metas e controle que privilegie a avaliação dos resultados obtidos, assim como as respectivas penalidades pela malversação dos recursos do setor da saúde.

Trata-se de um avanço para a necessária reforma sanitária e gerencial, de modo a viabilizar a efetivação do papel do Estado brasileiro na prestação das ações e serviço de saúde e gestão do sistema, assentado sobre os princípios constitucionais da universalidade, descentralização e integralidade.

Por isso, propomos o funcionamento do SUS em dois eixos: a “responsabilidade sanitária”, com a atribuição de cada ente federado, e o “Contrato Organizativo da Ação Pública da Saúde”, instrumento concebido pela Dra. Lenir Santos, cujo objetivo é unificar e integrar as ações dos entes federativos, subsidiárias e complementares, levando em consideração as necessidades da região de saúde, dando ênfase à responsabilização dos gestores da saúde.

A pandemia reafirmou a importância do Sistema Único da Saúde como conquista e um direito fundamental do povo brasileiro, a despeito de um mandatário que não demonstrou qualquer compromisso com a saúde e com a vida de 212 milhões de pessoas. Por isso, é preciso coragem para avançarmos nos necessários aprimoramentos que fortaleçam os princípios sobre os quais ele foi concebido e assentado: a universalidade, a equidade, a integralidade, a descentralização e a participação popular. •

Médico sanitário, é senador pelo PT de Sergipe.



METAVERSO: A NOVA ONDA

Enquanto o Facebook enfrenta denúncias graves no Congresso dos Estados Unidos, com denúncias de práticas abusivas e viciantes de adolescentes e jovens, o CEO Mark Zuckerberg brinca de realidade virtual e prepara mudança de nome

Bia Abramo

O quarto dia do mês de outubro não sairá tão facilmente da memória daqueles que vivem neste segundo ano da pandemia. Em todas as retrospectivas, estará marcado como o dia em que Whatsapp, Instagram, Facebook e o Facebook Messenger, todas empresas de comunicação ligadas a Mark Zuckerberg, pararam de funcionar por longas sete horas. Bilhões de pessoas no mundo inteiro ficaram impedidas de trabalhar, estudar, fazer comércio ou simplesmente “falar” com seus familiares ou amigos.

Nesta semana, vazou na imprensa especializada em tecno-

logia, no site The Verge, que o Facebook prepara um reposicionamento da marca com mudança de nome, a ser anunciado em 28 de outubro, para o salto tecnológico da plataforma para o “metaverso”, um espaço digital baseado na realidade virtual.

Como se não bastasse estar imerso na internet durante as longas e excessivas horas de trabalho, em seu momento de lazer, o sujeito coloca um óculos de realidade virtual para encontrar os amigos num bar. É mais ou menos o que milhões de pessoas no mundo já fazem jogando games associados a chats privados em plataformas como Discord ou Twitch. A manobra política, menos evidente, é livrar o Facebook do estigma de mídia social espa-

lhadora de fake news e fincar o pé na ultrabilionária indústria de entretenimento, hoje reino do Youtube, empresas de streaming de vídeo e de jogos.

O Facebook, na verdade, já é o metaverso por onde, diariamente, circulam terabytes de dados pessoais, que vão desde geolocalização, dados financeiros, preferências políticas, inclinações religiosas, hábitos de consumo até o nome do cachorro ou a quantas a vida amorosa. O “negócio” de Zuckerberg não é conectar as pessoas, nem servir de espaço para debate “público”, muito menos fazer às vezes de meio de comunicação alternativo e independente. O que interessa são os bancos de dados compilados quando o Facebook

deixou de ser uma rede fechada de relacionamento entre universitários para se tornar sinônimo de “rede social”.

Logo em seguida ao apagão de 4 de outubro, o Facebook passou a enfrentar questionamentos no Congresso dos EUA. Uma ex-funcionária de Zuckerberg vazou para o Wall Street Journal um arquivo com investigações internas que detalham como o Facebook, mesmo sabendo que seus sites são prejudiciais para a saúde mental de crianças e adolescentes, persiste na prática.

Em depoimento aos congressistas, Frances Haugen contou como os algoritmos são manipulados de forma que crianças e adolescentes sejam continuamente estimulados a saltar de um aplicativo para o outro, muitas vezes expostos a conteúdos violentos e inadequados. O apelo por transparência provocou declaração inédita do vice-presidente

do Facebook: a empresa estaria “aberta” à ideia de permitir que órgãos reguladores tenham acesso aos algoritmos usados.

Aqui está o pulo do gato de Zuckerberg. Com o crescimento do Facebook e seu uso intensivo por empresas, partidos políticos e meios de comunicação de todos os tamanhos, a rede social passou a ter enorme poder sobre todos os conteúdos aos quais seus bilhões de usuários estão expostos. Isso significa que o conceito de “bolha” é um comportamento co-

municacional determinado por linhas de código de programação. Cada curtida e até o tempo que cada um de nós se dedica à leitura de uma postagem ou assistindo a um vídeo consegue ser medido, analisado e vendido para quem se interesse.

No limite, quer dizer que toda a vida virtual do usuário pertence a quem tem dinheiro para comprar seus dados e, assim, vender o que for, de um vestido ou filme a uma notícia falseada, uma mentira deslavada ou uma nar-

rativa política. A isso se chama de “microtargetting” – a possibilidade de uma mensagem publicitária, inclusive de campanhas políticas e eleitorais, chegar em grupos muito específicos e mobilizar uma reação de aderência ou de repulsa.

No âmbito da política brasileira, sabemos no que deu isso em 2018: uma eleição cuja estratégia de marketing político foi determinada desde os EUA por Steve

Bannon, infundiu terrores diversos – o comunismo, a dissolução da família, a distribuição de mameiras fálicas pelo PT – por meio de fake news. Daí a eleição de Jair Bolsonaro como o mito salvador da pátria.

O gabinete do ódio que comandou a estratégia aqui usou e abusou de pelo duas das redes sociais dos domínios de Zuckerberg: o Facebook e o WhatsApp. Melhor começar o ano eleitoral de 2022 prestando bastante atenção no que Mark Zuckerberg está fazendo. •

CADA CURTIDA
E ATÉ O TEMPO
QUE CADA UM
SE DEDICA A
POSTAGEM OU
VÍDEO CONSEGUE
SER MEDIDO,
ANALISADO E
VENDIDO

PROJETO PODE BLOQUEAR USO DO TELEGRAM

A Câmara dos Deputados começa a discutir nesta terça-feira, 26, o projeto de lei que criminaliza as fake news, relatado pelo deputado Orlando Silva (PCdoB-SP). Entre alguns pontos da lei estão medidas que podem resultar no bloqueio do aplicativo de mensagens Telegram no Brasil.

A proposta determina que os provedores deverão nomear representantes legais no Brasil e fornecer informações sobre os mesmos em seus endereços na internet. O Telegram não tem representante legal no Brasil, não responde a comunicações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e tem descumprido sistematicamente determinações do Ministério Público.

De acordo com reportagem da Folha, as sanções previstas para empresas que descumprirem a lei vão desde uma advertência até a proibição de exercício das atividades no país, dependendo da gravidade. A avaliação da lesão leva em conta, entre outras coisas, a reincidência nas infrações e o impacto sobre o fluxo de informações no território.

O aplicativo de mensagens teve crescimento meteórico no país e vem sendo promovido pelo presidente Jair Bolsonaro e aliados bolsonaristas, que acusam outras plataformas de censura. O canal de Bolsonaro no Telegram tem mais de 1 milhão de inscritos e pode ser um dos trunfos do presidente na reeleição em 2022. •



Reprodução/Twitter

BOLSODORIA Unidos nas eleições de 2018, João Doria e Jair Bolsonaro agora são adversários, mas dividem votos

A DEBILIDADE DA 'TERCEIRA VIA'

Ciro Gomes, João Doria e Eduardo Leite continuam atrás na corrida presidencial, enquanto Lula está à frente, com dianteira entre 23 e 40 pontos percentuais, em relação ao candidato do PDT e aos tucanos

**Matheus Tancredo Toledo * e
Eduardo Tadeu Pereira****

A menos de um ano das eleições presidenciais de 2022, as pesquisas apontam grande vantagem do ex-presidente Lula da Silva (PT), com possibilidade de vitória no primeiro turno,

e uma dificuldade de diversos pré-candidatos em se aproximar de Jair Bolsonaro (sem partido), o segundo colocado.

É o que o NOPPE (Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da Fundação Perseu Abramo) tem mostrado em seus boletins e nos artigos publicados na Focus. Nos editoriais de grandes veículos de comunica-

ção e em entrevistas de representantes do dito 'mercado', no entanto, ainda se aposta - com ar de clamor - no sucesso de um candidato capaz de romper a dita 'polarização' entre Lula e Bolsonaro, o que tem se chamado de 'terceira via' eleitoral.

Neste artigo, fizemos uma breve análise sobre o tema, com foco em três nomes que

postulam o Planalto: o ex-ministro Ciro Gomes (PDT-CE) e os governadores João Doria Jr. (PSDB-SP) e Eduardo Leite (PSDB-RS). Os três pré-candidatos partem de um discurso em comum: afirmam que Lula tem sua força eleitoral escorada em uma rejeição a Bolsonaro que, se retirado do segundo turno, abriria o caminho para que um terceiro vença o ex-presidente.

Os tucanos se colocam como moderados e liberais de centro e contam com a contumaz simpatia de parte do mercado financeiro e do empresariado brasileiro. Em meio às prévias do PSDB, acusam um ao outro de ter dado as mãos a Bolsonaro no pleito anterior - ambos apoiaram o extremista Bolsonaro nas eleições de 2018 e se beneficiaram da onda bolsonarista naquela ocasião.

Os grandes meios de comunicação cobrem as prévias do partido com um fervor que destoa dos 4% de votos que teve na última eleição presidencial. O Globo chegou a fazer um debate entre os postulantes às prévias do PSDB, com farta propaganda e até brinde a quem assistisse, enquanto o Estadão publica editoriais clamando por unidade dos liberais em torno de uma candidatura. Apesar de todo esse esforço, os dois governadores seguem estacionados nas pesquisas com números similares aos obtidos por Geraldo Alckmin (PSDB) em 2018.

Doria alcança no máximo 6% na pesquisa Quaest realizada em outubro, e Leite, 4%, no mesmo levantamento. Parecem enfrentar os mesmos problemas de quatro anos atrás: foram abandonados pelo eleitorado mais à direita, que o partido mobilizou historicamente e que recentemente se aglutinou em torno do bolsonarismo. Agora, também veem os dois governadores como inimigos: sobraram entreveros públi-

cos entre eles e Bolsonaro, seja pela Coronavac (grande bandeira de Doria) ou pelas medidas restritivas adotadas pelo paulista e pelo gaúcho durante a pandemia - além de lamentáveis ironias preconceituosas do presidente e seus apoiadores a Leite, pelo fato deste ser homossexual.

Situação diferente vive o petista Ciro Gomes (PDT). Terceiro colocado em 2018, aposta tanto no recall eleitoral quanto num rompimento de relações com o PT e Lula para colocar-se como uma via possível do antipetismo, buscando conquistar segmentos arrependidos do

CIRO, DÓRIA E LEITE DISPUTAM VOTOS ENTRE SI E AINDA NÃO SE INFILTRARAM NAS BASES ELEITORAIS DE LULA E BOLSONARO. E O PETISTALIDERA

voto em Bolsonaro em 2018, ou que votaram no segundo turno daquele pleito.

Sob o mote de um Projeto Nacional de Desenvolvimento, com viés desenvolvimentista, também sinaliza à direita, mas não conta com simpatia dos mercados como os tucanos. Tem espaço no debate público, em especial no mediado pela imprensa empresarial a cada vez que critica Lula e os outros petistas - em tom cada

vez mais forte e conspiracionista.

Ciro desempenha melhor que os tucanos e, na pesquisa com resultados mais favoráveis, feita pelo instituto Quaest em outubro, atinge 12% dos votos totais quando compete apenas com Lula, Bolsonaro e Alessandro Vieira (Cidadania-SE).

Os três nomes parecem disputar votos entre si, não penetrando nas bases de Lula e Bolsonaro. Cenários diferentes trazem resultados parecidos ao ex-presidente e o atual: Lula flutua entre 40% e 48% a depender do levantamento, e Bolsonaro entre 23% e 35%, sem grandes variações na intenção de voto dos outros três candidatos.

No segundo caso, há persistência na intenção de voto a Bolsonaro mesmo em seu pior momento perante a opinião pública, o que torna a aposta dos postulantes - ir ao segundo turno contra Lula -, pouco provável até aqui.

Ao contrário da premissa dos entusiastas da terceira via, levantamentos têm apontado que Lula não está escorado no antibolsonarismo. O ex-presidente tem força própria e seu desempenho é forte contra todos.

Segundo a pesquisa Quaest, Lula tem 38 pontos percentuais de vantagem nas simulações de 2º turno contra Doria, 40 pontos contra Leite e 23 pontos contra Ciro. Ainda segundo a pesquisa Poderdata, realizada no final de setembro, 91% dos brasileiros poderiam votar em Lula e em Bolsonaro, enquanto 9% não votariam de jeito nenhum em nenhum dos dois. Segundo o mesmo levantamento, 6 em cada 10 brasileiros cogitam votar no petista. •

* Cientista político, com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo. ** Historiador e doutor em Educação pela Unicamp, coordena os Núcleos Estaduais de Políticas Públicas da FPA.



Reprodução/Facebook/Fernando Haddad

HADDAD PERCORRE O ESTADO

Pré-candidatura do ex-ministro da Educação ao governo de São Paulo vai se consolidando com visitas a municípios no interior e na região metropolitana, com sua posição firme e combativa contra Bolsonaro e João Dória: "Hora de trabalhar"

Ex-ministro da Educação, ex-prefeito de São Paulo e ex-candidato à Presidência da República pelo PT em 2018, Fernando Haddad está consolidando seu nome para a disputa eleitoral de 2022. Cotado para concorrer ao governo de São Paulo pelo PT, Haddad tem feito visitas a cidades do estado com objetivo de buscar apoio e construir sua pré-candidatura. "Estamos começando essa jornada, conversando com os partidos", disse, na terça-feira, 19, ao visitar Taboão da Serra, Osasco e Carapicuíba. Na quinta-feira, foi a Piracicaba.

Recebido por apoiadores, ele criticou o presidente Jair Bolsonaro e o governador João Dória (PSDB). "Não é fácil viver com o governo Bolsonaro e o governo Dória", disse. "Não quiseram Lula/Haddad em 2018, vão ter Lula/Ha-

ddad em 2022. Quero ver quem vai segurar o PT depois de tudo que eles aprontaram para a gente. Se a gente não vai fazer a diferença agora? Vamos voltar a ser feliz, a governar para as pessoas", discursou. "Até o dia da eleição, temos trabalho para garantir a vitória do Lula e a derrota do Dória aqui em São Paulo. Temos que trabalhar com ideias inovadoras".

Ele falou da importância em manter o diálogo entre os municípios e o governo do estado. "Podemos construir políticas em parceria com os municípios. Fomentar o diálogo entre os municípios. O governador precisa querer trabalhar, fazer plano de curto médio e longo prazo. Estabelecer metas", disse. "O que tem de candidato profissional neste país é brincadeira. Ganhar eleição dá trabalho, falta muito trabalho no estado".

São Paulo é o principal esta-

do da federação, o maior centro de produção industrial e o grande polo de desenvolvimento econômico. Além disso, é detentor da maior população entre todas as unidades federadas e um grande centro cultural e do saber. Daí que o estado vem dando mostras de que é possível mudar, depois de 25 anos de dominação tucana.

Haddad tem visitado incontáveis municípios na zona metropolitana e no interior do estado onde os pedidos para que concorra em 2022 vem de todos os setores. Convidado diariamente para falar em programas de rádios e para entrevistas nas TVs, além das lives e plenárias com ativistas, ele atua como um dos principais vetores de aglutinação em torno da provável e desejada volta de Lula à Presidência da República. •

LULA ALERTA PARA A PRECARIZAÇÃO

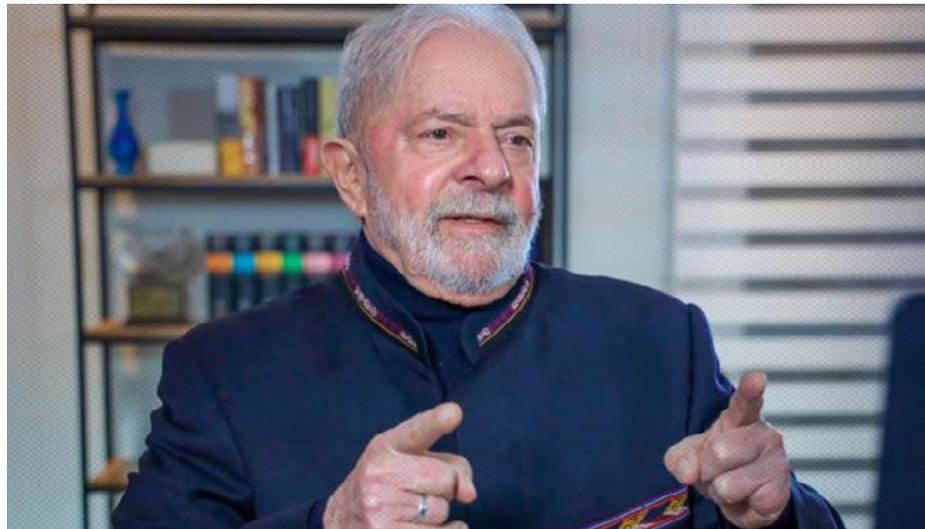
Ex-presidente convoca sindicatos a denunciar escravização dos trabalhadores. “Existe uma revolução digital ocorrendo em todo mundo e o Brasil está atrasado”, advertiu. Ele aponta para a necessidade de mudanças na atuação das entidades sindicais

Diante das sequelas da pandemia da Covid-19, o futuro do sindicalismo brasileiro deve rumar novos caminhos. Durante a 16ª plenário da Central Única dos Trabalhadores (CUT), na terça-feira, 20, Lula fez um alerta sobre a necessidade de mudanças na atuação dos sindicatos. Com tantos retrocessos no desgoverno Bolsonaro, há muitos desafios para o movimento sindical. O desemprego, o crescimento do mercado informal, o aumento da pobreza, da fome e a miséria são algumas das mazelas.

“Existe uma revolução digital ocorrendo em todo mundo e o Brasil está atrasado nisso. Essa indústria dos aplicativos está consumindo a energia da nossa juventude, oferecendo emprego [aos jovens] como se fossem micro ou médio empreendedores quando, na verdade, são pessoas que estão enfrentando um serviço que deveria ter Previdência Social, segurança e direitos mínimos”, denunciou.

O presidente Nacional da CUT, Sérgio Nobre, criticou o momento que o país vive, com a crise econômica, agravada pela pandemia negada por Bolsonaro, com altas taxas de desemprego e miséria. “Vivemos uma crise social sem precedentes com trabalhadores desempregados ou no desalento”, desabafou. “Nas periferias, especialmente nas capitais, vemos famílias inteiras dormindo na calçada, pedindo ajuda nas ruas, nos semáforos. Isso tudo resultado de um governo genocida, que negou

Ricardo Stuckert



ESTADO MÍNIMO Ex-presidente lamentou a retirada de direitos trabalhistas

a existência da pandemia”.

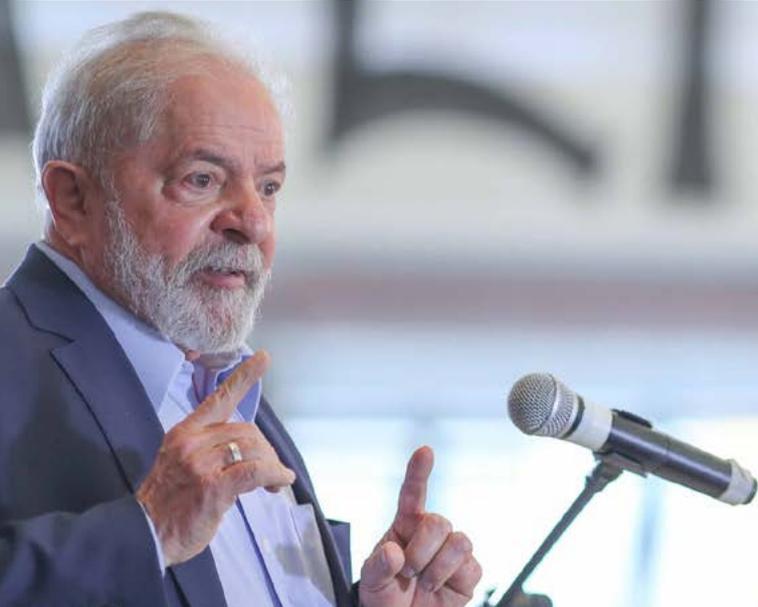
Lula falou sobre o desmonte da legislação trabalhista e ressaltou a falta de proteção do Estado. Ele ainda que é preciso cuidado para o trabalhador não ser escravizado. E citou a situação atual dos motoristas de aplicativos, dos microempreendedores, afirmando que o Brasil não está conseguindo acompanhar a revolução tecnológica aliada aos direitos dos trabalhadores e que será necessário criar um novo paradigma. “Essa gente, trabalha, trabalha, trabalha e quando se acidenta ou fica doente não tem nenhuma proteção do Estado”, disse.

O ex-presidente destacou que é o movimento sindical quem deve dar uma resposta ao conjunto de mudanças no país no pós-pandemia, especialmente depois dos desdobramentos do golpe contra a ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2016, acrescido das políticas promovidas por Temer e Bolsonaro. “É preciso que a gente tenha consciência

que a revolução digital, talvez a mais importante que a humanidade tenha conhecimento, ainda não representa uma contrapartida para a retribuição social ao povo trabalhador”, pontuou.

Lula lembrou das transformações tecnológicas e sociais em décadas passadas para falar sobre os medos da população e a resistência popular. “Sempre a humanidade encontrou um jeito. E esse jeito foi encontrado pela luta, pela combatividade e pela persistência dos trabalhadores. E esse desafio [tal qual em outros períodos], está colocado para nós outra vez”, afirmou.

“Do ponto de vista dos empresários, eles querem acumulação de riqueza, de lucro, agora estão preocupados em voar para saber se há uma possibilidade de sobreviver no espaço. Gastam milhões de dólares de passagem para fazer turismo, enquanto as pessoas morrem de fome no Brasil, na América Latina, morre de fome no continente africano”, completou.



LULA: 21 ACUSAÇÕES. 21 ATESTADOS DE INOCÊNCIA

Mais uma vez, o Judiciário reafirma cabalmente que o ex-presidente foi alvo de uma perseguição política institucionalizada por parte da Operação Lava Jato. Ele é, sem nenhuma ressalva, inocente

Wadhi Damous

A Constituição da República, marco normativo da democracia brasileira, e não por acaso atacada por todas as forças autoritárias em atuação neste país, determina que Lula deve ser tratado e percebido como inocente de todas as acusações feitas contra ele até o presente momento. Não há uma única prova lícita e séria que permita afastar a inocência do Ex-presidente. O que sobra contra ele não passa de ressentimentos, de ódio de classe, de “certezas delirantes” e de lógicas inquisitórias típicas de quem confunde hipóteses e desejos com a verdade.



Por esses dias, o Poder Judiciário reconheceu mais uma vez a inocência do ex-presidente Lula na última acusação decorrente da autointitulada Operação Lava Jato. Desta feita, a juíza da 9ª Vara Federal de São Paulo, Maria Carolina Ayoub entendeu que “não há elementos mínimos” para dar continuidade à investigação de um alegado tráfico de influência internacional a favor da OAS.

Com isso o Judiciário reafirma cabalmente que o ex-presidente foi alvo de uma perseguição política institucionalizada e que é, sem nenhuma ressalva, inocente. Além disso, dá também à sociedade a oportunidade de aprender e amadurecer sua relação com a justiça

a partir do caso, o que dependeria da iniciativa de nossos tradicionais veículos de imprensa.

Embora tenham sido os principais instigadores – e às vezes cúmplices dos abusos – da investigação, além de coautores na confusão da opinião pública, os editoriais de nossos jornalões insistem em manter uma aura de dúvida e desinformação quanto à inocência do ex-(quicá futuro)-presidente.

Por um lado, esses editoriais insistem em noticiar os arquivamentos de processos e absolvições de Luiz Inácio como fruto de tecnicidades legais, do encontro de uma “brecha” na imparcialidade de Moro, que teria levado ao reconhecimento da falta de justa causa nos processos pelos tribunais.

Recentemente, um desses editoriais chegou ao ponto de afir-

mar que Lula ainda teria um fardo a carregar e estaria em dívida com o país. Ou seja, apesar das decisões reconhecendo sua inocência, não estaria livre das consequências da culpa. Apesar da pronta e qualificada resposta publicada por eminentes juristas no artigo “O fardo que a *Folha* precisa carregar”, ainda resta desfazer algumas confusões técnicas cultivadas no imaginário popular sobre esses processos, a começar pela própria noção de justa causa.

No direito, o conceito diz respeito aos indícios de autoria e materialidade. Ou seja, um mínimo de informação que permita ao poder público afirmar quem é o suspeito de um crime e que crime foi esse. Trata-se de um requisito lógico básico para qualquer acusação – penal ou não. Se alguém praticar um homicídio, há de se ter um corpo. Ou ao menos vestígios dele. Se alguém receber um favorecimento financeiro ilícito, há de se ter um rastro dessa transação.

Para se afirmar que alguém praticou qualquer ato é necessária uma fonte dessa informação: alguém que viu o ato, um vestígio ou uma consequência deixada por ele. Não se trata, portanto, de um conceito distante da discussão sobre a existência do fato (mérito), mas sim de um conceito intrinsecamente ligado a ele. Pois, repita-se, só é possível afirmar a ocorrência de um fato caso se saiba com clareza a fonte de tal informação. Ainda mais se este fato constituir um possível crime.

Em pelo menos sete dos 21 casos vencidos por Lula, faltaram informações suficientes para uma acusação. Faltou a justa causa. E, por isso, foram arquivados – alguns a pedido do acusador.

É verdade que a suspeição de Moro contaminou boa parte das ações, ab initio (desde o início). Mas as decisões definitivas de arquivamento, de uma forma geral, declararam de forma eloquente

a ausência de justa causa para o prosseguimento das ações penais.

Vejam que, em três casos, tratando do suposto “quadrilhão do PT”, sequer havia a descrição de um crime, tendo o juízo reconhecido expressamente que as denúncias buscavam a criminalização de atividades tipicamente políticas.

Em outros dois casos, o de instigação à invasão do triplex e o de financiamento supostamente irregular de obras em Angola pelo BNDES, os juízos reconhecem se tratar de denúncias confusas, vagas e imprecisas, não tendo sido o MPF capaz sequer de descrever o crime que elocubrava.

No caso de suposto favorecimento da *Carta Capital*, a própria Polícia Federal reconheceu o descabimento da hipótese acusatória. No caso de suposto favorecimento do setor automotivo com a MP 471, o Ministério Público Federal reconhece não ter tido provas do fato.

Nos casos decorrentes das delações de Emílio Odebrecht e Alexandrino Alencar, constatou-se que as delações não tinham quaisquer elementos de corroboração. Eram apenas relatos de pessoas acusadas buscando redenção. E as delações de Delcídio do Amaral e de Leo Pinheiro foram reconhecidas como falsas pelo Ministério Público Federal, tendo o último até se retratado no processo.

A parcialidade de Moro foi apenas um dos incontáveis defeitos nos processos, os quais juntos levaram à constatação de que Luiz Inácio Lula da Silva foi incontestavelmente vítima de lawfare – utilização do processo como arma de perseguição – não podendo, pois, ser publicamente tratado como um “não-culpado”, como alguém que, “por sorte”, escapou da prisão.

A maioria esmagadora desses processos foi encerrada na justiça de 1º grau e não no STF.

Assim, é inaceitável falar de

“suposta” inocência. É repulsivo afirmar que “isso limpa a ficha eleitoral de Lula, mas sua ficha moral segue suja – em dimensões que extrapolam o âmbito judicial” (*Estado de S.Paulo*, 20/9/21).

Outra reflexão necessária para o desenvolvimento coletivo é a do status da figura do delator. Somente no caso de Lula pelo menos duas acusações de delatores se revelaram completamente falsas, instigadas e produzidas com o único intento de obter vantagens processuais, se eximir da culpa e permitir que o Ministério Público alcançasse o ex-presidente.

Nesse passo, aliás, acaba de estourar um novo escândalo revelado pelos diálogos da Operação Spoofing: Deltan Dallagnol, em ato de aberta delinquência, escreveu o depoimento assinado pelo delator Pedro Barusco e fez incluir o PT para criar um “fato político”.

Antes de todo o desdobramento atual dos casos, as versões dos delatores foram noticiadas nos mais variados formatos, com infográficos e vídeos, alimentando a indevida credibilidade de suas versões para a sociedade.

Passado o calor do momento, desveladas as mentiras, fica o questionamento ético até agora circunscrito aos corredores da academia: o alcaguete, o x-9, o dedo duro, deve ser convertido à figura de delator, convolvendo-se o descrédito intuitivo do povo em confiança pública?

Afirmar a inocência de Lula é uma dívida dos veículos de imprensa, que participaram ativamente da construção de sua falsa culpa. Mas, para além disso, é também dever da imprensa contribuir para o amadurecimento da consciência crítica da população quanto aos mecanismos sempre latentes de opressão e injustiça do poder punitivo. •

Advogado, foi deputado federal pelo PT do Rio de Janeiro e presidente da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro.



Roberto Perizzotti

INFLAÇÃO DE PROBLEMAS, DÉFICIT DE SOLUÇÕES

É um equívoco considerar que a subida dos juros e a busca desenfreada de “ajuste” fiscal a qualquer preço, como faz o governo, vão resolver a inflação. Essas não são políticas e medidas neutras, mas proporcionam elevados ganhos a alguns privilegiados

Antonio Corrêa de Lacerda



A inflação oficial no Brasil, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Am-

plo (IPCA), calculado pelo IBGE, atingiu 10,25% no acumulado dos últimos doze meses até setembro. Dentre os subgrupos que o compõe, destacam-se, pelo seu impacto, especialmente para a população de baixa renda: alimentação no domicílio, com 14,66%; habitação, 14,00%; e transportes, 17,93%.

O Índice Geral de Preços Mercado (IGP-M), que prevalece como indexador de contratos interempresariais e de aluguéis, chegou a superar 37% no acumulado dos 12 meses até julho. Vem recuando, mas ainda está em 25% nos últimos 12 meses, influenciado pela alta dos preços no atacado e pela desvalorização do real.

A indexação, ou reajuste automático de contratos com base em índices de variação da inflação passada, prevalece como herança do nosso período de inflação crônica dos anos 1980 e início dos 1990, gerando fator inercial e propagando a inflação.

Como enfrentar o drama inflacionário é sempre uma questão relevante para nosso futuro. Embora haja pressões decorrentes da elevação dos preços das commodities – matérias primas, petróleo e grãos, por exemplo –, o que vem impactando mundialmente a economia e representado um desafio ainda mais expressivo para os países emergentes, há o que possa ser feito domesticamente, ao contrário do que se depreende de algumas declarações de autoridades brasileiras:

1. a desvalorização do real e a

volatilidade da taxa de câmbio é um fator que pode ser enfrentado com uma postura mais proativa do Banco Central. O país conta com nível confortável de reservas cambiais, a situação das contas corrente do balanço

de pagamentos é razoável, o que permite as pré-condições para atuações no mercado à vista. Da mesma forma, via swaps cambiais, pode influenciar o merca-

ELEVAR JUROS É UMA CONTRADIÇÃO: AS PRESSÕES INFLACIONÁRIAS DECORREM DE “CHOQUES DE OFERTA” E NÃO POR EXCESSO DE CONSUMO

do futuro.

2. os preços administrados, especialmente derivados de petróleo e energia, representam outro foco de pressão sobre a inflação. O governo federal ainda detém o controle da maior empresa na área e pode adotar uma política mais adequada, não só para atender aos interesses dos acionistas da empresa, mas o mercado consumidor.

3. os oligopólios ainda mantêm grande capacidade de formação e preços domésticos, o

que pode ser combatido com medidas de concorrência, via órgãos competentes.

4. o regime de metas de inflação, introduzido em 1999 e em vigor atualmente, tem potencial de melhoria. Dadas as demais distorções apontadas nos itens anteriores, especialmente a indexação, que a torna muito rígida.

Diante do problema inflacionário o Banco Central vem aumentando a taxa básica de juros (Selic), via Comitê de Política Monetária (Copom). A taxa Selic subiu de 2% para 6,25% ao ano e, até o final do ano, a projeção é que supere 8%, como acaba de admitir um dos diretores do BC em evento público.

Elevar juros, por outro lado, revela significativa contradição, uma vez que as pressões inflacionárias decorrem de “choques de oferta” e não excesso de consumo. Além disso, está elevando custo e as condições de crédito aos tomadores finais, outro fator restritivo da demanda afetando, com mais ênfase, as famílias e as empresas endividadas e àquelas que demandam financiamento.

De qualquer forma, é um equívoco considerar que a subida dos juros e a busca desenfreada de “ajuste” fiscal a qualquer preço vão resolver a inflação. Mesmo porque essas não são políticas e medidas neutras, proporcionando elevados ganhos a alguns, via concessão de subsídios e incentivos sem retorno social, ou por meio de pagamento de juros. No acumulado dos últimos 12 meses foram transferidos aos credores da dívida pública, sob a forma de pagamento de juros, R\$ 336 bilhões (4,1% do PIB). Enquanto isso, causas relevantes da inflação, como as apontadas, permanecem intocadas. •

Presidente do Conselho Federal de Economia (Cofecon) e professor-doutor do Programa de Pós-graduação em Economia Política da PUC-SP, é autor, dentre outros, de “O mito da austeridade”.



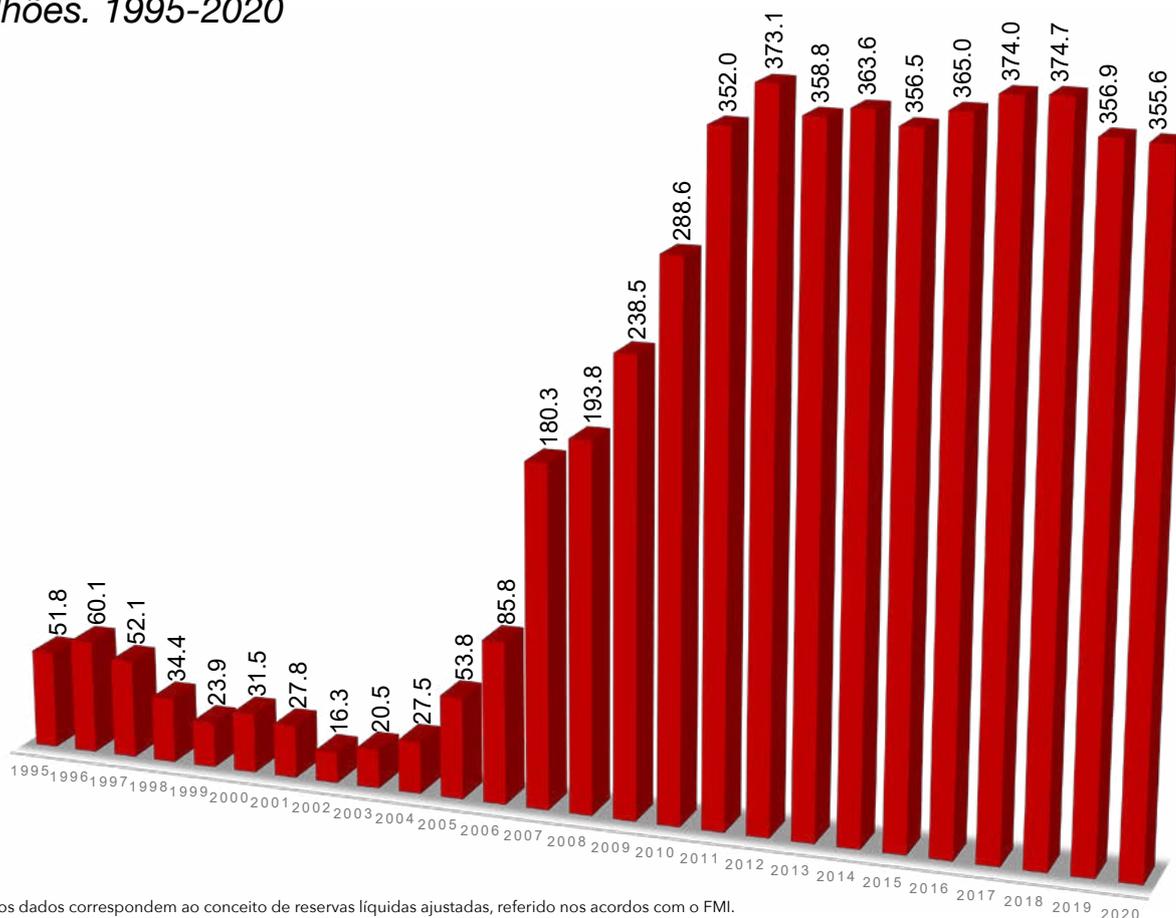
Arte: Olímpio sobre foto de Roberto Stuckert Filho

POR QUE O PT SALVOU O BRASIL: AS RESERVAS INTERNACIONAIS

Ao contrário do que aponta a mídia e o mercado financeiro, o país não está quebrado. Nunca esteve desde que o PT assumiu o poder. Em 2002, o governo federal dispunha de apenas US\$ 16,3 bilhões de reservas internacionais líquidas, deixadas por Fernando Henrique Cardoso. Em 2015, último ano de Dilma à frente da Presidência da República, as reservas somavam nada menos do que US\$ 368,7 bilhões

Evolução das reservas internacionais líquidas

Em US\$ bilhões. 1995-2020



Nota: De 1998 até 2005, os dados correspondem ao conceito de reservas líquidas ajustadas, referido nos acordos com o FMI.
Fonte: Banco Central do Brasil. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. "Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira".
Brasília: Centro de Altos Estudos. Brasil Século XXI, maio de 2021.



Eduardo Fagnani*, **Gerson Gomes**** e **Guilherme Mello*****

Este é o terceiro artigo de uma série organizada para desconstruir a narrativa mentirosa segundo a qual a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”. A realidade, demonstrada por fatos e dados, é outra.

No texto anterior, sublinhamos que quando Lula assumiu, em 2003, o Brasil era devedor do Fundo Monetário Internacional, as reservas cambiais eram reduzidas, a dívida externa bruta chegava a 42% do PIB – mais que o dobro do observado em 1995 –, e o país tinha dificuldades para honrar seus compromissos internacionais.

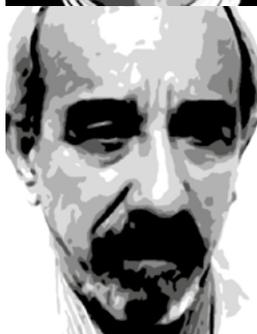
Durante os governos petistas, a dívida externa caiu de forma contínua. Em 2011, representava apenas 12,07% PIB, patamar três vezes inferior ao observado em 2002. Mesmo em um momento de crise econômica e queda do PIB, como em 2015, a dívida externa bruta

representava 18,6% do PIB, montante inferior ao verificado em 1995.

Neste artigo, vamos analisar o comportamento das reservas em moeda estrangeira e da dívida externa líquida – dívida externa bruta menos as reservas – no período 1995-2020.

A falácia da narrativa segundo a qual a política econômica do PT teria “fracassado”, marcada por suposto “desenvolvimentismo irresponsável”, fica patente quando se observa que, em 2002, o Brasil dispunha de apenas US\$ 16,3 bilhões de reservas internacionais líquidas. Isso representava grave constrangimento estrutural e fragilizava o país nas crises internacionais, expondo o Brasil à ação especulativa nos mercados financeiros.

Um dos grandes legados dos governos petistas foi ter reduzido significativamente essa vulnerabilidade, ao trocar dívida em dólar por dívidas em reais e, ao mesmo tempo, acumular um grande volume de reservas cambiais. Note-se que entre 2002 e 2015 as reservas cambiais aumentaram mais de 20 vezes, ten-



do passado de US\$ 16,3 bilhões, para US\$ 368,7 bilhões.

Com a redução da dívida externa pública bruta e a elevação das reservas cambiais, a dívida externa pública líquida – dívida bruta menos reservas –, que era de 37% do PIB em 2002, passou a ser negativa a partir de 2007. Ou seja, o Brasil passou a ser credor em moedas estrangeiras, fato que acontecia naquele momento, pela primeira vez em toda a história econômica brasileira. Passou a ser credor, inclusive, do FMI, ao qual emprestamos US\$ 15 bilhões de dólares para seus programas de assistência financeira aos países em desenvolvimento.

Dessa forma, também no caso das reservas cambiais e da dívida externa líquida, os fatos demonstram que é mentirosa a narrativa da qual se servem os protagonistas da farsa do impeachment. Com base nos dados apresentados, cabe a pergunta: o Brasil

estava quebrado em 2013-2015? Ou estava quebrado em 2002?

Com o golpe parlamentar, o Brasil só não voltou a quebrar, nos governos Temer e Bolsonaro, por conta das reservas cambiais acumuladas pelos governos do Partido dos Trabalhadores. Esse legado dos governos Lula e Dilma permitiu ao Brasil absorver o impacto cambial da crise mundial 2008/09 – a maior desde os anos 30 do século passado – e atravessar a atual depressão econômica, sem problemas de escassez de divisas e dificuldades no balanço de pagamentos. Ao contrário. Graças ao legado dos governos petistas, a situação externa da economia brasileira ainda é bastante sólida.

Pela primeira vez na história do Brasil, não somos constrangidos pela restrição de divisas, para planejar o nosso futuro. Afastamos esse obstáculo externo ao desenvolvimento, mesmo que nos anos recentes outros

permaneçam e tenham-se acentuado, em particular nos campos social, produtivo e tecnológico.

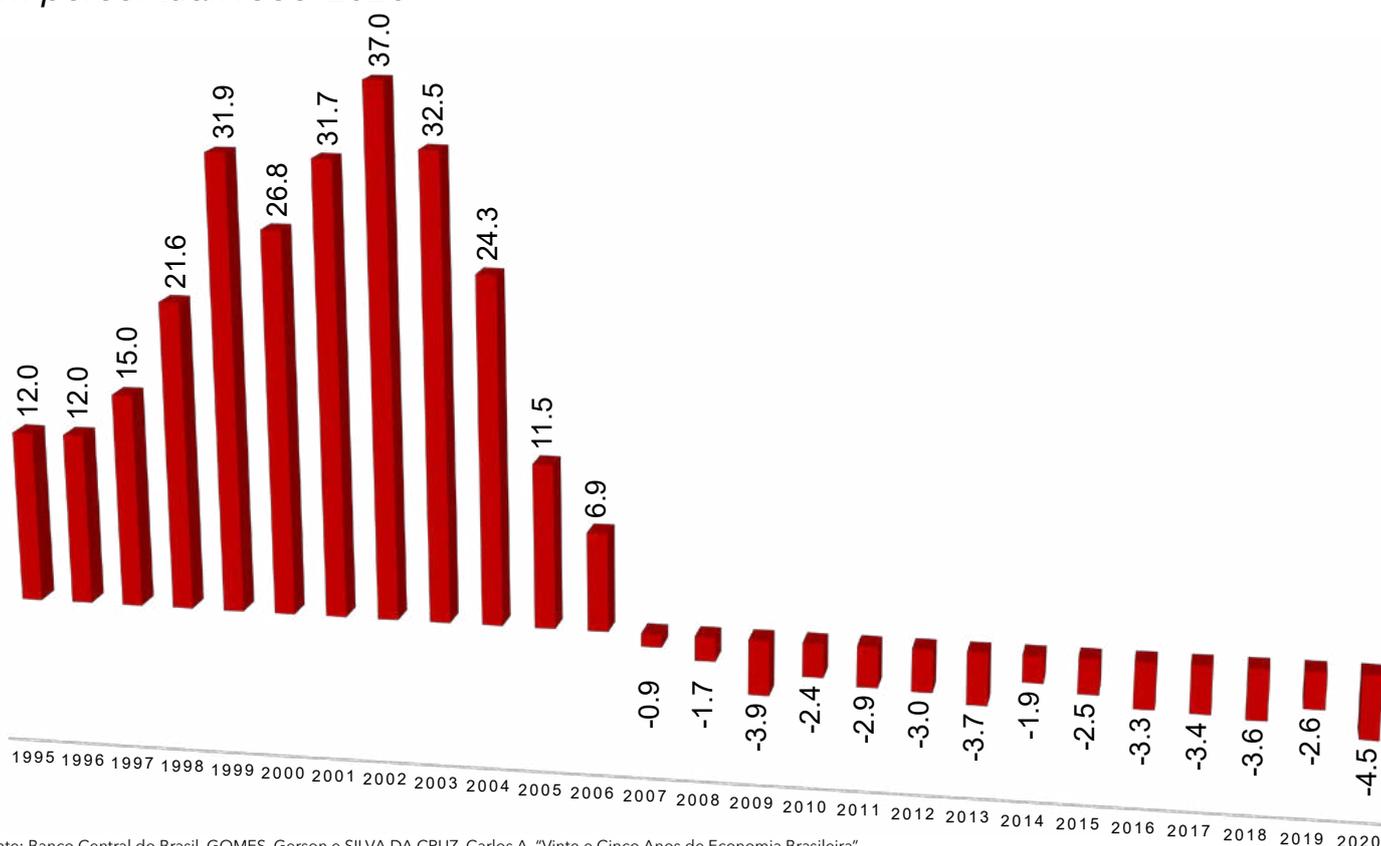
Esse legado dos governos petistas é o alicerce sobre o qual deve assentar-se qualquer projeto futuro de retomada do desenvolvimento.

No próximo artigo dessa série, demonstraremos, com mais fatos e números, que o Brasil quebrou em 2002 – pela segunda vez em menos de quatro anos –; que o governo do Partido dos Trabalhadores salvou o país, reduzindo, também, de forma substancial, a dívida pública interna bruta e líquida. •

* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT-UNICAMP).
** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.
*** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON-UNICAMP)

Evolução da dívida externa líquida/PIB

Em percentual. 1995-2020



Fonte: Banco Central do Brasil. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. "Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira". Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.



PARA QUE SERVE O “TETO FURADO” DE BOLSONARO?

PEC dos Precatórios abre espaço de R\$ 95 bilhões para o governo em 2022. E o Planalto é quem arbitra o que se submete ou não às regras de austeridade fiscal. Faz isso movido por interesse eleitoral



Bruno Moretti *, **Carlos Octávio Ocké-Reis **** e **Francisco Funcia *****

Jair Bolsonaro resiste à crise econômica? Paulo Guedes sai do governo? O teto de gasto morreu? As perguntas são muitas. O fato é que o relatório da Proposta de Emenda Constitucional 23/2021, apresentado na Câmara dos Deputados,

PEC 23/2021. Espaço fiscal aberto no teto de gastos

(Em Milhões de R\$)

ANO	REGRA ATUAL DO TETO	NOVA REGRA DO TETO	DIFERENÇA DO TETO	PRECATÓRIOS	DIFERENÇA DOS PRECATÓRIOS	ESPAÇO DO TETO
2016	1.221.129	1.221.129		30.300		
2017	1.309.050	1.309.050	-	32.482		
2018	1.348.322	1.347.633	-688	33.439		
2019	1.407.513	1.398.110	-9.403	34.691		
2020	1.454.946	1.458.315	3.369	36.185		
2021	1.485.936	1.524.193	38.257	37.820		
2022	1.610.012	1.656.646	46.634	41.107	47.993	94.627

Elaboração dos autores. Considera o relatório publicado em 21 out. 2021. Fonte: LOA, IBGE e Relatório Focus (Banco Central).

aparentemente, deu um tiro de canhão no teto de gasto.

De um lado, o texto limita o pagamento de precatórios aos valores de 2016 atualizados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). E, de outro, altera a fórmula de cálculo da inflação utilizada para definir o teto, considerando o IPCA acumulado de 12 meses até dezembro do exercício anterior ao orçamento.

Tais mudanças devem abrir um espaço fiscal de aproximadamente R\$ 95 bilhões em 2022. Além do mais, o relatório autoriza gastos extras de até R\$ 15 bilhões em 2021 para enfrentamento à pandemia, totalizando R\$ 110 bilhões.

Metade desse montante será destinado ao Auxílio Brasil. Em um contexto de aumento da pobreza e da desigualdade, ampliar a transferência de renda é fundamental, mas o programa é eleito-reiro e representa um atraso em relação ao desenho do Bolsa Família, que será extinto, se não bastasse escapar artificialmente das regras fiscais – prevendo gastos adicionais apenas em 2022.

Isso contornaria a exigência da Lei de Responsabilidade Fiscal de compensação pelo lado da receita, no caso de aumento de despesa de caráter continuado.

Paralelamente, algo em torno de R\$ 20 bilhões será entregue ao relator do Orçamento da União, o que compromete a impessoalidade e a transparência da lei

orçamentária, já que as emendas sob seu controle são alocadas por meio de critérios discricionários, privilegiando a base parlamentar do governo.

No entanto, ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças casuísticas nas regras fiscais, o teto, em 2022, limitará despesas relacionadas à garantia de direitos sociais e ao crescimento econômico do país.

O teto seguirá impondo restrições ao Sistema Único de Saúde (SUS), que perderá R\$ 25 bilhões em função do congelamento do piso de aplicação de saúde em plena pandemia. Tam-

bém restringe o salário-mínimo. Isso porque, apesar do aumento dos preços dos alimentos, o salário-mínimo não terá ganhos acima da inflação.

Por fim, o teto ainda tira recursos das despesas discricionárias alocadas ao CNPq, à Capes, às universidades federais e aos institutos federais de educação profissional e tecnológica. Todos deverão sofrer redução em termos reais. É um ataque ao sistema de ensino público.

Na prática, o que há é um “teto furado”. A arbitragem do que se submete ou não às regras de austeridade fiscal é movida por interesses eleitorais e clientelistas.

O teto não está morto, continua sendo defendido com afinco pelos neoliberais. Conforme advertiu o professor Luiz Gonzaga Belluzzo, é como se o teto de gasto, simultaneamente, existisse e não existisse.

A propósito, com as mudanças na fórmula de cálculo do teto, estimamos redução do limite de gasto em R\$ 19 bilhões em 2023. Além disso, a PEC 21 retira do texto da Emenda Constitucional 95 a possibilidade de mudanças no teto a partir de 2026.

Aos inimigos – nos termos da retórica beligerante dos conservadores – o teto de gasto! •

* Economista, é assessor técnico do Senado Federal. ** Economista, é pesquisador do Ipea. *** Economista, é professor da USCS, e consultor técnico do Conselho Nacional de Saúde (CNS)

**O TETO SEGUIRÁ
IMPONDO
RESTRIÇÕES AO
SUS, QUE PERDERÁ
R\$ 25 BILHÕES
EM FUNÇÃO DO
CONGELAMENTO DO
PISO DA SAÚDE EM
PLENA PANDEMIA**

A FOME QUE CHOCA O BRASIL

Depois do flagrante do caminhão de ossos no Rio, da venda de carcaças em Santa Catarina, agora uma nova cena comove o país: brasileiros procuram restos de alimentos em caminhão de lixo. Uma cena corriqueira no país da desigualdade

No Brasil de Bolsonaro, em que 603 mil pessoas morreram de Covid, 14 milhões estão desempregados e 19 milhões não têm o que comer, um novo flagrante comoveu o Brasil na semana que passou. As imagens de pessoas em busca de comida em um caminhão de lixo em Fortaleza (CE) viralizaram nas redes sociais e chocaram o resto do país.

“A pandemia não trouxe a fome, mas intensificou a desigualdade. Sim, antes havia quem buscasse comida nos restos jogados fora, mas hoje existem mais pessoas nessa situação. Infelizmente, teremos mais episódios de pobres revirando lixo”, lamentou o economista Marcelo Neri, ex-ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos no governo Dilma Rousseff

Feitas em 28 de setembro no bairro Cocó, área nobre da capital cearense, as imagens captadas somam-se às fotos recentes de caminhão que distribuía restos de carne e ossos no Rio de Janeiro e filas de pessoas em busca de doações de restos de ossos de boi em Cuiabá (MT). O flagrante no Ceará foi feito pelo motorista de aplicativo André Queiroz. No vídeo, homens e mulheres aparecem recolhendo alimentos descartados pelo comércio da Rua Bento de Albuquerque dentro do caminhão de lixo.

Uma funcionária do supermercado, que não quis se identificar, disse ao site UOL que a

Reprodução



UM FLAGRANTE DA FOME No bairro Cocó, zona nobre de Fortaleza, homens e mulheres disputam restos de comida no caminhão do lixo

cena tornou-se corriqueira. Ela trabalha no local há cinco anos, mas conta que a situação piorou depois da pandemia. “Uma a duas vezes por semana, os moradores de rua vêm pegar comida aqui nesta rua, normalmente são frutas e verduras estragadas ou machucadas”, disse.

O Nordeste apresentou, em 2020, o maior número absoluto de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, de acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19. São quase 7,7 milhões de pessoas nessa situação na região. No país, são 19 milhões.

No Ceará, cerca de 1 milhão de pessoas vivem em situação de extrema pobreza, com renda mensal total de até R\$ 89, se-

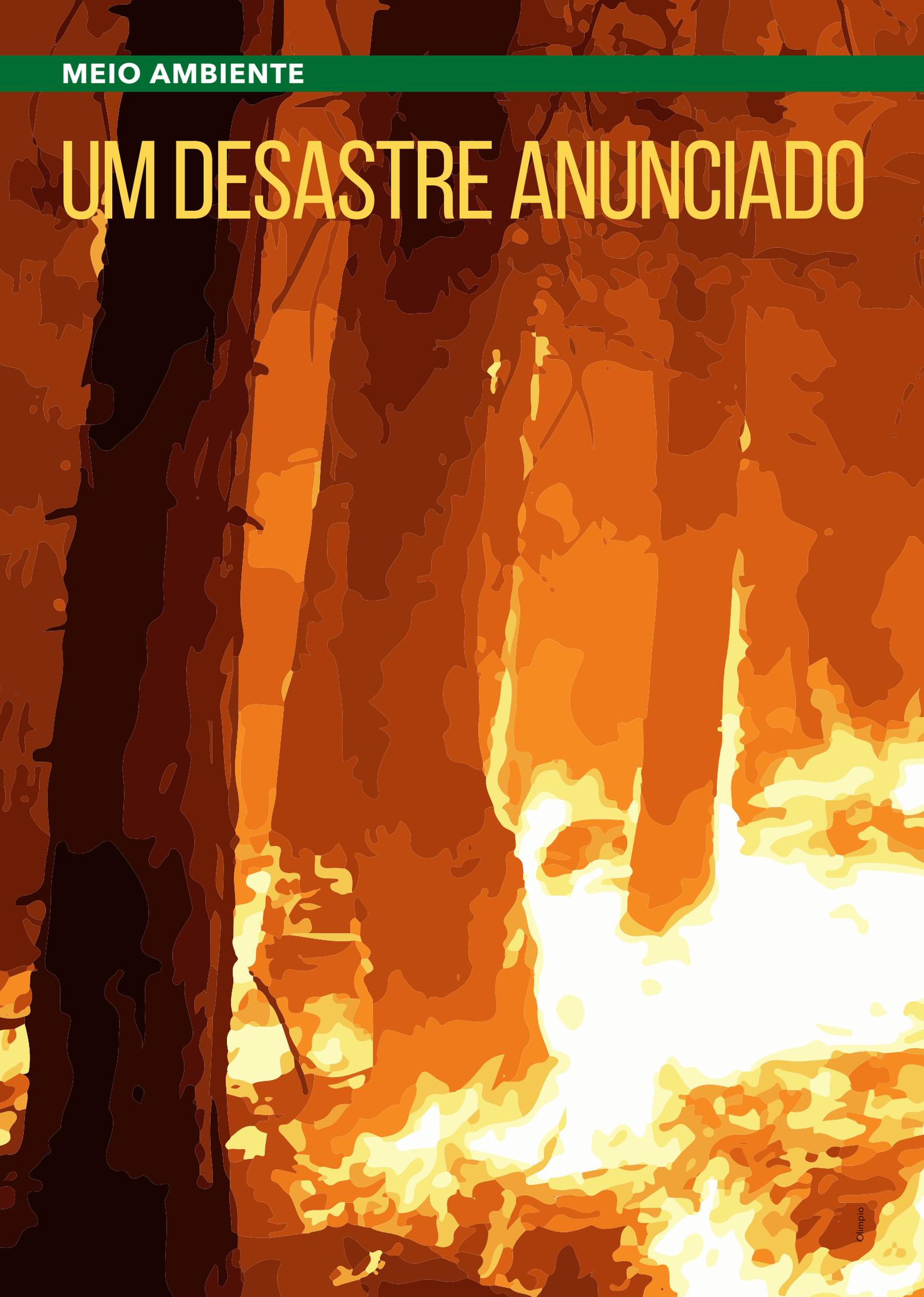
gundo dados do governo.

Em setembro, a fome levou moradores do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, a disputar restos de carne e ossos em um caminhão que distribuía os produtos. Em outubro, em Santa Catarina, após açougues serem flagrados comercializando ossos de boi por até R\$ 4 por quilo, o Procon teve que emitir uma recomendação aos estabelecimentos para que não comercializassem ossadas, permitindo apenas doações.

O preço da carne bovina acumula alta de 30,7% em 12 meses, segundo os dados mais recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com alta da inflação e 14,1 milhões de desempregados, o consumo do alimento diminuirá em quase 14% neste ano, se comparado a 2019, antes da pandemia. •

MEIO AMBIENTE

UM DESASTRE ANUNCIADO



O Brasil vai para a COP 26, na Escócia, no papel de maior vilão ambiental do planeta. Bolsonaro vai levar a tiracolo uma “pedalada climática”. Nossas autoridades revisaram, para cima, o cálculo de suas emissões dos gases de efeito estufa para o ano de 2005

Por Paulo Rocha

A imagem do Brasil no exterior nunca esteve tão ruim. Mas, como disse o próprio presidente da República, nada é tão ruim que não possa piorar.

Hoje, o Brasil é visto como uma ameaça sanitária com um governo irresponsável, para não dizer genocida, que impulsionou a imunidade natural de rebanho para “não parar economia” e estimulou o uso de medicamentos ineficazes contra a Covid-19, em vez de investir em vacinas e nas medidas de controle não farmacológico da pandemia, como o uso de máscaras e a prática do isolamento social.

Bolsonaro, na última abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, fez questão de, pessoalmente, consolidar essa imagem vergonhosa do Brasil, apresentando-se como o único chefe de Estado não vacinado da reunião e defendendo, em seu patético discurso, o uso do “tratamento precoce”.

Entretanto, a péssima imagem do Brasil no cenário internacional é devida também à atual condição do nosso país de grande vilão planetário, na área ambiental.

Com efeito, o governo Bolsonaro conseguiu a vergonhosa proeza de reverter todos os grandes avanços que haviam sido feitos nessa área, nos governos



do PT, e dedicou-se a “abrir a porteira” para a predação ambiental sem freios.

Implodiu as instituições ambientais, como o Ibama, zerou multas, estimulou o desmatamento e o atropelo dos

direitos das comunidades tradicionais, demitiu o presidente do INPE que divulgou o aumento das queimadas, comprou brigas com os países que alimentavam o Fundo da Amazônia, como Noruega, Alemanha e França.

Contudo, com a queda de Donald Trump, seu grande aliado, e com ascensão de Joe Biden, o governo Bolsonaro foi forçado, muito a contragosto, a rever suas práticas ambientais criminosas.

**OS RETROCESSOS
AMBIENTAIS SÃO
ABSURDOS E
INJUSTIFICÁVEIS:
BOLSONARO
PRETENDE REDUZIR
OS COMPROMISSOS
ASSUMIDOS NO
ACORDO DE PARIS**

Nesse sentido, esperava-se que a reunião da COP 26, a ser realizada em Glasgow, Escócia, a qual debaterá propostas para a regulamentação dos artigos 6 e 9 do Acordo de Paris, servisse de oportunidade para que o Brasil apresentasse proposta coerente, sólida e ambiciosa de redução de suas emissões e uma estratégia crível de implantação de um modelo econômico “verde”.

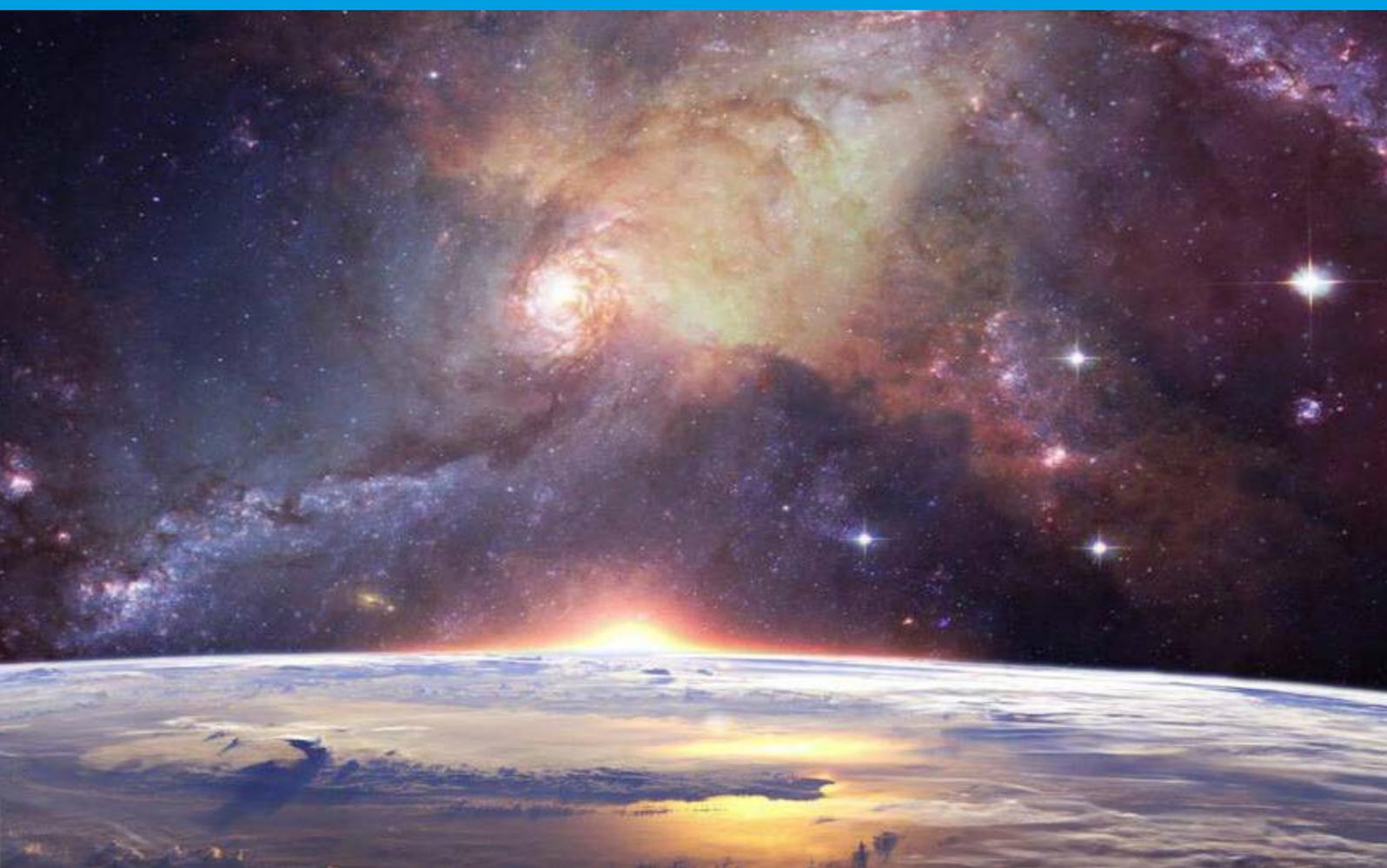
Ao que tudo indica, contudo, tal oportunidade será desperdiçada. Ao contrário, o que se denuncia é um desastre.

Em primeiro lugar, o Brasil vai levar a tiracolo uma “pedalada climática”. Nossas autoridades reviram, para cima, o cálculo de suas emissões para o ano de 2005, que serve de base à redução de gases do efeito-estufa, de modo a permitir mais liberalidade para futuras emissões. Ou seja, ao invés de aumentar seus compromissos, o governo Bolsonaro pretende reduzi-los.

Em segundo, as propostas do país para a regulamentação dos artigos 6 e 9 do Acordo de Paris são, ao que tudo indica, inconsistentes e elaboradas sem bases científicas precisas e aferíveis, e sem as devidas consultas à sociedade civil. Um aglomerado de “chutes” tortos e de propostas requentadas.

Nada é tão ruim que não possa piorar, previu Bolsonaro. Nesse ponto, infelizmente, ele está certo. Em todo o demais, ele está totalmente equivocado. •

Senador eleito pelo Estado do Pará, é líder do PT no Senado.



ESPAÇO: A FRONTEIRA FINAL

O homem foi ao espaço para fazer publicidade a bilionários e suas empresas? Ou para expandir o conhecimento científico e melhorar a vida do povo? A França pode ser pioneira em um modelo espacial de interesse geral para a humanidade

Jean-Luc Mélenchon

O lançamento de Ariane 5, em 22 de outubro, nos lembra do papel da França diante



da nova fronteira que a humanidade atravessou: o espaço. Graças a uma clara e constante vontade política, e graças ao trabalho árduo de seus colaboradores, engenheiros e cientis-

tas, a França assume a vanguarda das potências espaciais. Kourou, na Guiana Francesa, é o terceiro maior porto espacial do mundo. A contribuição de cada um dos franceses para o espaço é a segunda maior do mundo.

Como todos os feitos científicos e técnicos alcançados pelo nosso país, isso ocorreu graças à mobilização de seu Estado em direção a resoluções de interesse

geral. Desde então, dominamos todo o know-how necessário para a produção e lançamento de satélites, viagens tripuladas e exploração científica interplanetária. Esse é um grande trunfo, já que quase tudo no mundo é atualmente feito por meio de tecnologias espaciais: telecomunicações, transporte de bens e pessoas, observação do meio ambiente e espécies, aplicações digitais.

Mas devemos lançar um alerta: no campo espacial, a humani-

dade também está chegando a um ponto de bifurcação, onde é proposta uma direção – a do “novo espaço”. Esta corresponde a uma visão liberal anglo-saxã. Seus mestres são bilionários inescrupulosos que sonham em fazer do espaço seu novo playground e, acima de tudo, uma bela fonte de lucros.

Fortemente subsidiados pelos orçamentos dos Estados Unidos, eles despertam sonhos ineptos de turismo espacial ou propaganda luminosa no espaço. Isso antes de obstruir a órbita da Terra com “constelações de mini-satélites”. Assim, eles já estão prontos para reproduzir no céu todos os seus estragos terrenos. Eles estão até preparando a apropriação e mineração das estrelas. De fato, os Estados Unidos legalizam essa privatização do espaço desde 2015.

Luxemburgo, nunca atrasado para bons negócios financeiros, seguiu esse exemplo em 2016. Foi rasgado unilateralmente o Tratado Espacial de 1967. Este estipulava que todos os corpos celestes fossem res nullius: considerados não pertencentes a ninguém. O que a França disse sobre essa corrida louca? Nada. Sob o efeito das presidências François Hollande e Emmanuel Macron, ela se entregou como um seguidor servil.

A Humanidade foi ao espaço para fazer publicidade para alguns bilionários e suas empresas multinacionais? Ou isso foi feito para expandir o escopo de seu conhecimento científico e melhorar a vida do povo humano? Se os franceses decidirem na próxima eleição presidencial, nosso país pode se tornar pioneiro em um modelo espacial de interesse humano geral.

Cabe a nosso país dar vida a uma francofonia científica e espacial criando uma universidade espacial internacional. Vamos

criar um setor de empregos relacionados ao espaço. Essas capacidades técnicas, em um momento de incerteza ecológica, são muito mais essenciais do que a “internet das coisas” que os projetos de Elon Musk estão almejando.

Propomos uma missão internacional para limpar a órbita baixa, para evitar colisões de satélites que de outra forma se tornarão inevitáveis e repletas de consequências na Terra. Estejamos na manobra para reviver a ideia de uma exploração internacional do

SE EU GANHAR A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL, A FRANÇA VAI PROPOR UM NOVO TRATADO SOBRE A DESMILITARIZAÇÃO DO ESPAÇO SIDERAL

espaço, incluindo as missões robóticas marcianas, sob a égide da ONU e das principais associações científicas internacionais.

Para fazer tudo isso, a França deve evitar a qualquer custo de ser excluída de sua posição no espaço. Essa ameaça existe por causa da inconsistência de nossos líderes. Aqueles que permitiram que nossa autonomia se deteriorasse dentro da Europa e do espaço, que a França contribuiu para criar. A Alemanha rasgou o

acordo de satélite que tivemos com eles em 2017. Emmanuel Macron assinou um acordo que confirma a realocação da construção de um motor do foguete Ariane na Alemanha. Enquanto isso, sendo um parceiro injusto, o governo alemão quer desenvolver seu próprio setor para mini-lançadores e usar um local de lançamento na Noruega, em vez do de Kourou, na Guiana Francesa. Isso depois de se recusar a reservar ao lançador europeu Ariane a exclusividade de seus satélites.

Basta! A França não pode fazer nada de bom se não for mais mestre de seus projetos. É hora de fortalecer o Centro Nacional de Estudos Espaciais (CNES) e restaurá-lo à sua posição de liderança em nossa política espacial.

Da mesma forma, é absurdo ter aceitado sem sequer uma discussão no parlamento a instalação de um centro espacial do OTAN em Toulouse, apesar da história recente dos Estados Unidos em termos de espionagem e traições contra nós. Este centro terá que ser fechado. A França deve ser capaz de se defender sozinha. Mas deve recusar a corrida armamentista espacial na qual os Estados Unidos estão envolvidos.

Se eu ganhar a eleição presidencial, a França vai propor um novo tratado sobre a desmilitarização do espaço sideral. Expandirá sua cooperação espacial com a Rússia e a Itália. Continuará sua cooperação efetiva com a China. A França enviou uma câmera no rover chinês de Marte. O horizonte espacial contém uma certa visão da Humanidade. Aquele que tem seu olhar voltado para as estrelas em vez de pregado em seus conflitos. Que outro caminho pode existir para o nosso país? •

Líder do movimento França Insubmissa,
é o candidato do partido na eleição
presidencial da França

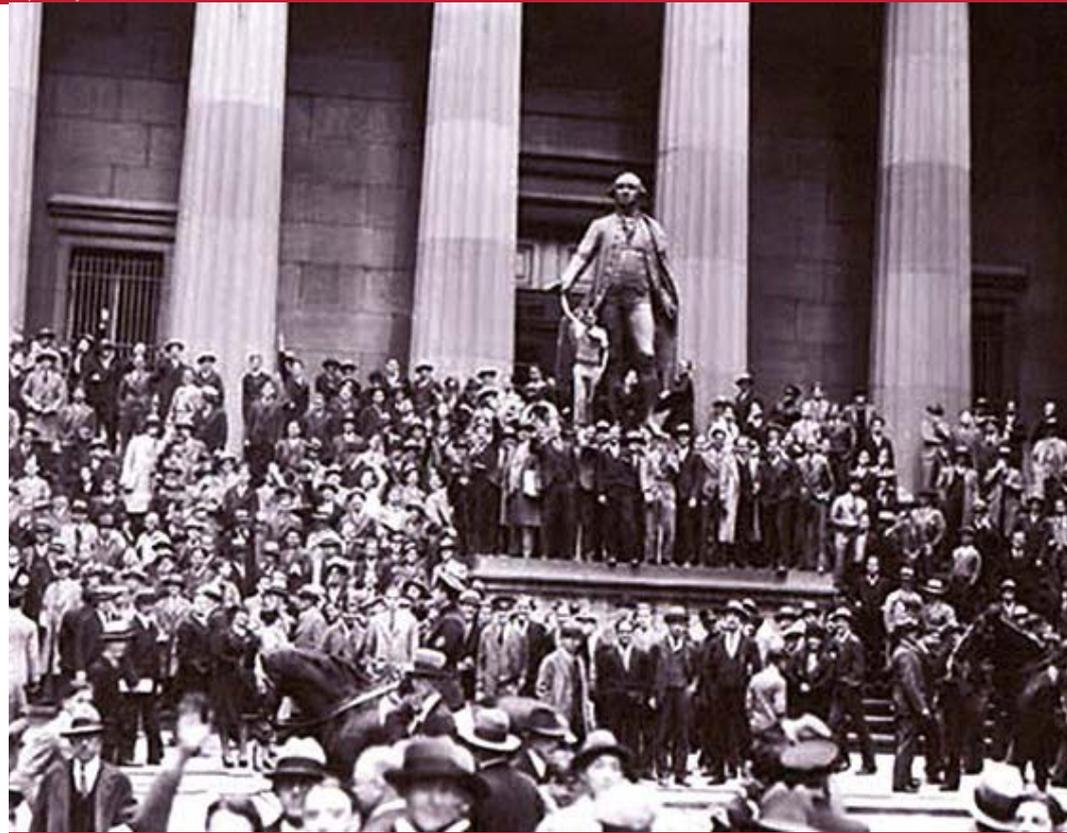
Reprodução/NYTimes

27 outubro de 1973

CRIAÇÃO DO MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA

É criado em São Paulo o Movimento do Custo de Vida (mais tarde Movimento Contra a Carestia), que organiza a população mais pobre em torno de questões como inflação, custo do abastecimento e arrocho salarial. O movimento se estruturou em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), uma nova forma de organização popular estimulada por bispos, padres e agentes pastorais da igreja católica. As CEBs cumpriram importante papel na educação política, mobilização e organização popular, na luta pela democracia e pela conquista de direitos dos trabalhadores, nas cidades e no campo.

As primeiras CEBs brasileiras foram criadas no começo dos anos 1960, nas arquidioceses de Natal e Volta Redonda (RJ), sob inspiração das reformas promovidas pelo Concílio Vaticano 2º. Pequenos grupos comunitários, de 20 a 50 pessoas, reuniam-se para estudar textos religiosos e refletir sobre sua aplicação à realidade local. Esse tipo de organização de base foi muito estimulado pela assembleia episcopal latino-americana de Medellín (1969), que fundamentou a Teologia da Libertação, e pela de Puebla (1979), que declarou a “opção preferencial (da igreja) pelos pobres”. No início da década de 1980, havia cerca de 80 mil CEBs no interior do Brasil e na periferia das grandes cidades.



24 de outubro de 1937

BOLSA DE NOVA YORK QUEBRA E ARRASTA PAÍSES

O preço das ações de empresas como American Telephone and Telegraph, United States Steel e White Sewing Machine Company, negociadas em altos valores, despenca vertiginosamente e, mesmo assim, ninguém as quer comprar. Milhares de americanos perdem tudo que investiram. Pessoas que acreditavam ter seu patrimônio assegurado pelas ações de

grandes bancos e companhias, viram-se falidos na chamada “Quinta-Feira Negra”. Foi como se toda a economia americana tivesse virado fumaça. O crash da bolsa foi um furacão que desestabilizaria toda a economia mundial, contaminando os mercados da Europa e da América Latina – inclusive o Brasil. Era o início da maior crise da história do capitalismo.

23 de outubro de 1985

MORRE NATIVO DA NATIVIDADE EM GOIÁS

Nativo da Natividade de Oliveira, presidente do Sindicato Rural de Carmo do Rio Verde, em Goiás, é morto com quatro tiros à queima-roupa pelo pistoleiro Júlio Santana, na entrada do sindicato. A viúva de Nativo denuncia que ele havia sido

executado devido à sua militância no PT e na Central Única dos Trabalhadores (CUT). O assassinato fora encomendado pelo então prefeito da cidade, Roberto Pascoal Liégio, com o apoio do presidente do Sindicato Rural (patronal), Geraldo dos Reis de Oliveira, integrante da União Democrática Ruralista (UDR), e do fazendeiro Genésio Pereira. O julgamento foi anulado e o crime prescreveria sem condenações.

23 de outubro de 1956

HUNGRIA RECHAÇA DOMÍNIO SOVIÉTICO

A Hungria se insurge contra a União Soviética. Pela primeira vez, um país do Leste Europeu se levanta em massa e tenta instaurar uma república fundada em valores democráticos: direito de se movimentar sem ser detido arbitrariamente; liberdade de expressão; direito de reunião, associação e manifestação. É a Revolução Húngara.

O movimento foi uma reação às pressões da dominação da União Soviética – que ocupava militarmente o país e controlava toda a vida da sociedade – e buscou aproveitar as fissuras abertas no Kremlin pelo 20º Congresso do Partido Comunista que, em fevereiro, denunciara os crimes de Stálin.

Em junho, depois da denúncia, outros países se manifestaram: houve protestos em Berlim Oriental e na Polônia, que foram violentamente reprimidos. A Revolução Húngara, inspirada nas formulações de intelectuais que pregavam a construção de um socialismo humanista, democrático e nacional, iria além dos protestos.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

Visite o memorialdademocracia.com.br



27 de outubro de 2002

O PRIMEIRO TRABALHADOR CHEGA À PRESIDÊNCIA

Luiz Inácio Lula da Silva vence as eleições presidenciais, tornando-se o primeiro trabalhador a chegar à Presidência da República. Sua vitória decorreu do amadurecimento do eleitorado brasileiro – que desde a eleição municipal de 2002 vinha externalizando o desejo de mudança política – e da complexa conjuntura que precedeu o pleito.

No dia da eleição em segundo turno, e dia de seu aniversário, Lula conquistou 52,7 milhões de votos, ou 61,27% dos votos válidos, contra 33,3 milhões de votos, ou 38,72%, dados a José Serra (PSDB). Foi a maior votação já obtida por um candidato na nova fase democrática do país – uma conquista histórica, que mudaria a fisionomia do Brasil.

Desde o início da campanha, Lula encarnou o sentimento de que o Brasil precisava romper com a estagnação econômica, a desigualdade e a exclusão social. Seus comícios atraíram multidões e sua candidatura re-

cebeu a adesão de lideranças populares, empresariais, sindicais, de artistas, intelectuais e religiosos dos mais variados matizes. Lula defendia a retomada do crescimento e a implantação de políticas audaciosas de combate ao desemprego, à exclusão e à desigualdade social. Manteve-se na dianteira na preferência dos eleitores, com uma média de 38% das intenções de voto, enquanto outros candidatos se revezavam no segundo lugar, com médias inferiores a 20%.

Diante do agravamento da crise econômica, que o governo e o mercado insistiam em atribuir ao chamado “risco Lula”, em junho o candidato petista lançou a Carta ao Povo Brasileiro, um documento no qual prometeu honrar contratos e compromissos do país e manter os fundamentos da economia: câmbio livre, inflação controlada e superávit primário. Reiterava, porém, seus compromissos com a mudança social.

CULTURA



LUCÉLIA. 50 ANOS DE CARREIRA

A eterna Isaura estreou na televisão brasileira em 1976, mas deu início à carreira aos 14 anos. Em sua trajetória, brilhou nas telinhas e telonas e se mantém ativa como artista e militante política

Alberto Cantalice

Atriz Lucélia Santos teve sua estreia nos palcos, aos 14 anos, atuando na peça infantil “Dom Chicote Mula manca e seu fiel companheiro Zé Chupança”, uma adaptação abasileirada da obra “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes. Paulista de Santo André, no ABC, dali em diante não parou mais. Após um curso de preparação de atores, dirigido pelo célebre diretor teatral Eugênio Kusnet (1898-1975), participa dos espetáculos “Godspell” e “Rock Horror Show” e em seguida de “Transe no 18”.

Sua performance foi imediatamente percebida pelo autor de novelas Gilberto Braga e por Herval Rossano (1935-2007), que a convidaram para o papel de Isaura, uma escrava branca de origem afro, que protagonizou a novela de maior sucesso internacional na história da teledramaturgia brasileira até o momento.

Aladim Miguel, que acompanha a carreira da atriz e é o responsável pela montagem do acervo e do arquivo Lucélia Santos, diz: “A primeira vez que vi Lucélia foi justamente em sua estreia na TV, com Escrava Isaura, em 1976. Foi a partir desse momento que comecei a colecionar todo o material relacionado a sua carreira”.

O estrondoso sucesso da novela trouxe imediatamente um reconhecimento do grande público e da crítica especializada, fazendo a atriz ocupar capas de revistas, transformando-a do dia para noite em uma celebridade nacional.

A comercialização da produção pela Rede Globo para outros países – “Escrava Isaura” é a telenovela brasileira mais vendida de todos os tempos – levou Lucélia Santos a receber o Águia de Ouro, em 1985, considerado o principal prêmio chinês, outorgado pela primeira vez a um ar-

tista estrangeiro. A premiação é feita por voto popular e Lucélia Santos teve 300 milhões de indicações. O reconhecimento internacional fez a atriz virar protagonista de um filme rodado nos dois países: “Um Amor do Outro Lado do Mundo”.

Protagonista em papéis variados na TV brasileira, tanto na Globo quanto mais recentemente na Record, Lucélia teve grande presença no cinema nacional. Estrou na telona com dois filmes: “Já não se faz amor como antigamente” e

FILIADA AO PT DESDE 1980, LUCÉLIA PARTICIPOU ATIVAMENTE DE LUTAS DEMOCRÁTICAS E É FILHA DE METALÚRGICO

“Ibraim do subúrbio”, ambos rodados em 1976. O último é “Mulher Oceano”, de 2020. A atriz estrelou ainda filmes que são considerados clássicos do cinema nacional, como “Luz del Fuego”, que lhe rendeu o Kikito de melhor atriz no Festival de Cinema de Gramado, “Fonte da Saudade”, “As Setes Vampiras” e os impactantes “Engraçadinha” e “Bonitinha mas Ordinária”, inspiradas na obra de Nelson Rodrigues (1912-1980).

Seu papel como Engraçadinha, personagem que dá título ao fil-

me, rendeu-lhe o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cinema de Brasília, em 1981. Lucélia voltou a receber a mesma premiação no em 1993 por sua participação no filme “Vagas para Moças de Fino Trato”, do cineasta Paulo Thiago, baseado na peça homônima do dramaturgo Alcione Araújo, também autor do roteiro.

“Eu considero Lucélia Santos uma atriz ímpar, que me conquistou pela entrega absoluta às suas personagens. Uma atriz que marcou época e abriu as portas do mundo para a nossa teledramaturgia encantando gerações”, aponta Aladim Miguel.

Atriz de presença cênica singular, Lucélia enfrentou e ultrapassou ao longo de sua carreira todos os tipos de estereótipos. Sua versatilidade a fez ser considerada como uma das principais intérpretes da obra de Nelson Rodrigues, considerado um dos maiores dramaturgos das artes brasileiras.

Filiada ao Partido dos Trabalhadores e apoiadora de suas campanhas desde a fundação ao partido, em 1980, e filha de um metalúrgico, Lucélia nunca se omitiu no enfrentamento contra as mazelas da sociedade brasileira. Participante ativa na campanha das “Diretas Já”, manteve sua coerência e ajudou o PT a enfrentar o seu pior momento: a prisão injusta e já revista judicialmente do ex-presidente Lula.

A atriz inclusive participou da vigília na frente da PF em Curitiba se solidarizando com Lula e protestando contra o arbítrio. Também foi uma voz forte a ajudar a divulgar internacionalmente o Golpe de 2016 que levou à deposição da presidenta Dilma Rousseff. Militante das causas feministas e contrária a toda forma de discriminação, a atriz é uma voz firme e contundente na luta contra o preconceito, o machismo, o racismo e a LGB-Tfobia, que vem sendo estimulada no atual governo. •

GUEDES, SANGUESSUGA DO POVO

O ministro que deveria valorizar a moeda do país fica mais rico toda vez que o real se desvaloriza. É uma imoralidade absurda. Como ele e Roberto Campos Neto, que também tem conta em paraíso fiscal, têm recursos milionários lá fora?

Elvino Bohn Gass

A imprensa brasileira, como sempre, abafa ou minimiza escândalos envolvendo



neoliberais que têm como meta a destruição ou venda de empresas públicas e estatais a preços irrisórios para enriquecer ainda mais as elites rentistas nacionais e estrangeiras. É o caso da denúncia envolvendo o ministro da economia, o pinochetista Paulo Guedes, detentor de uma conta offshore no paraíso fiscal das Ilhas Virgens Britânicas, no Caribe. "Apenas" US\$ 9,54 milhões, cerca de R\$ 54 milhões. Sem pagar um centavo de imposto.

O ministro offshore ganhou mais de R\$ 1 milhão nas últimas semanas com a desvalorização do real, graças a sua política econômica desastrosa que deixa o Brasil a reboque dos especuladores, empobrecendo cada vez mais a classe médias e os trabalhadores. O escândalo ou não teve cobertura dos órgãos tradicionais da imprensa ou foi minimizado e agora evaporou. Talvez porque os barões da mídia tenham também suas contas offshore ou queiram expressar solidariedade a 60 mil brasileiros que têm bilhões de reais em contas no exterior, nem sempre declaradas ao fisco.

Guedes, que fala grosso com os pobres e o funcionalismo público, demonstrou covardia ao fugir do tema e não dar explicações sobre como mandou essa dinheiro para sua conta secreta. Mas a

misteriosa conta terá de ser explicada na Câmara em novembro, possivelmente em sessão conjunta das comissões de Fiscalização Financeira e Controle e a de Trabalho, Administração e Serviço Público.

Há também convocação para que preste esclarecimentos no plenário, diante da comissão geral.

Triste sina do Brasil sob o governo Bolsonaro. O ministro que deveria valorizar a moeda do país fica mais rico toda vez que ela se desvaloriza. É uma imoralidade absurda. Como ele e seu colega do Banco Central, Roberto Campos Neto, outro com conta em paraíso fiscal, têm recursos milionários lá fora? Têm informações privilegiadas, podendo, inclusive, interferir na política cambial e beneficiar-se das decisões que tomam.

Pior. Como pretendem atrair investimentos, se eles mesmos têm uma fortuna e não investem no território nacional? Como Guedes pretende querer que os brasileiros paguem impostos, se ele mesmo recorre a um paraíso fiscal para sonegar? Como vai estimular a geração de emprego, se o seu próprio exemplo é de especulação? Como pretender que o Brasil tenha credibilidade, se nem ele, que é o ministro da Economia, acredita no país e esconde seu dinheiro num paraíso fiscal usado pela escória do planeta?

As contas de Guedes e Campos Neto nas Ilhas Virgens Britânicas são ilegais, imorais e violam o Código de Conduta da Alta Administração. Ambos praticam descaradamente o autofavorecimento,

enquanto a economia brasileira desce a ladeira

Na Câmara, o ministro offshore terá que explicar ao povo brasileiro de onde saiu esse dinheiro e como foi parar numa conta escondida no Caribe. No início de outubro, estimou-se que, desde que assumiu o cargo, ele ganhou cerca de R\$ 420 mil mensais por mês por conta da desvalorização do real. Com o governo militar liderado por Bolsonaro, o real perdeu mais de 40% de seu valor perante o dólar.

A dolarização que enriquece Guedes é o desastre diário enfrentado pelo povo brasileiro. Os alimentos e combustíveis sobem, o dragão da inflação voltou, os salários estão congelados, direitos trabalhistas e sociais são desmantelados, o desemprego campeia. A economia real, que gera empregos e renda, está longe do radar do governo Bolsonaro.

Curiosamente, o mesmo ministro da offshore um dia chamou funcionários públicos de parasitas e quer impor uma "reforma administrativa", com a chamada PEC 32, que demole o serviço público brasileiro. Sigmund Freud tratava dos chamados atos falhos. Talvez tenha sido o caso de Guedes, ao usar a palavra parasita, já que seu enriquecimento diário com a desvalorização do real deixa claro quem é que suga recursos do povo brasileiro. É inaceitável sua continuidade no cargo. A hipocrisia de certa parte da elite brasileira que trata o caso com desdém equivale a dizer que o crime compensa. •

Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, é líder do PT na Câmara.

BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

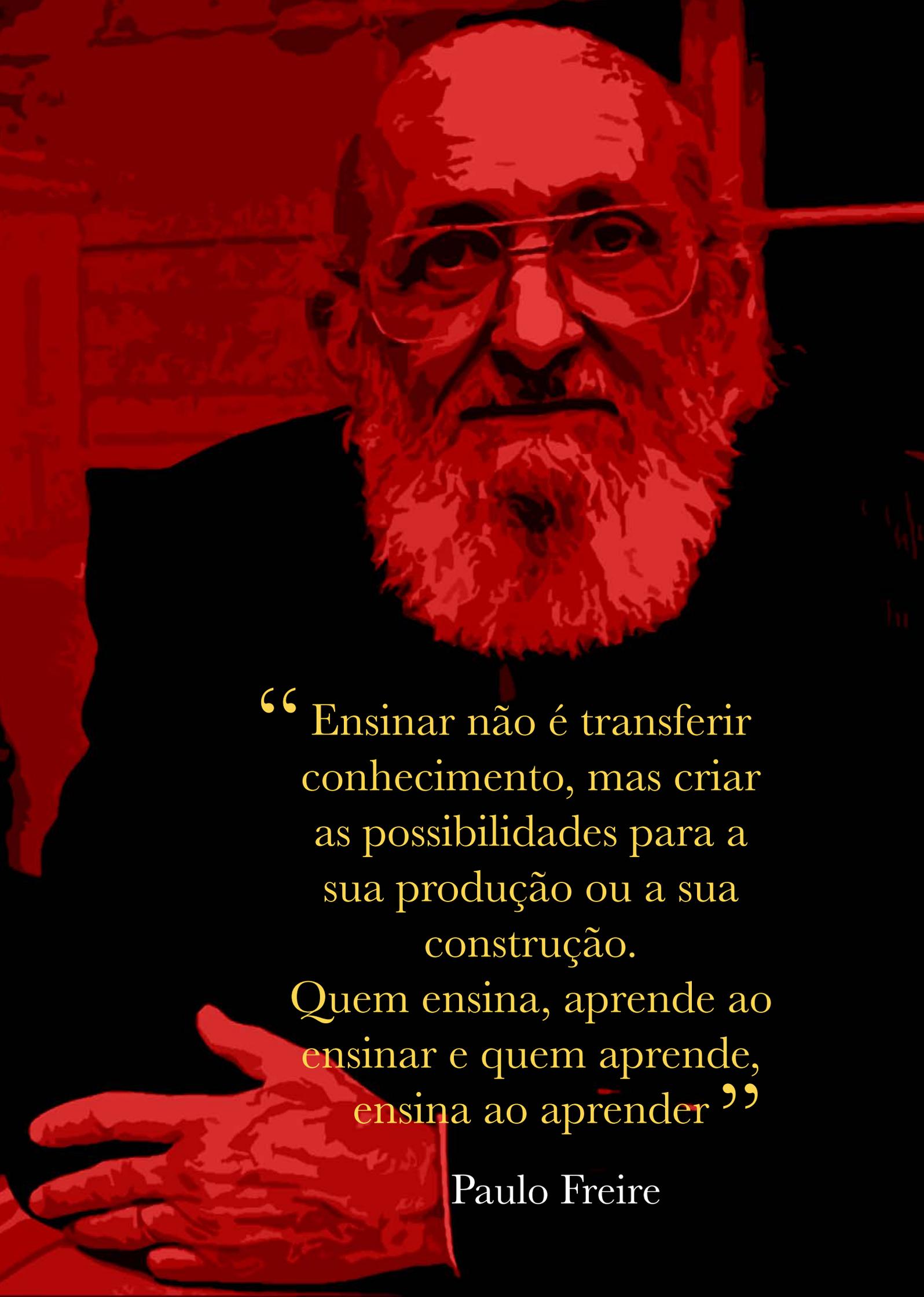
SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br



A portrait of Paulo Freire, an elderly man with a full white beard and glasses, wearing a dark jacket. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is a textured, light-colored wall.

“ Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender ”

Paulo Freire